

**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia**

Fabiana Santos Rodrigues de Oliveira

Pluralidade de vozes, sentidos e significados do turismo no Timor-Leste

Projetos turísticos e a negociação da cultura leste-timorense

**Brasília/DF
Março, 2013.**

**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia**

Pluralidade de vozes, sentidos e significados do turismo no Timor-Leste

Projetos turísticos e a negociação da cultura leste-timorense

Fabiana Santos Rodrigues de Oliveira

Monografia apresentada como
requisito para a obtenção do título
de Bacharel em Ciências
Sociais com habilitação em
Antropologia.

Orientadora: Kelly Cristiane da Silva

**Brasília/DF
Março, 2013.**

Agradeço à Kelly por sua valiosa orientação e por dividir comigo histórias e documentos de um país tão especial e singular como o Timor-Leste. Às minhas queridas amigas da graduação – Janaína e Elisangela – que me apoiaram nas dificuldades e alegrias no meu processo de formação. Ao carinho e ternura dos meus pais, do meu irmão e do meu companheiro Edson Rodrigo.

Sumário

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1.....	12
SINGELA RESENHA DA LITERATURA SOCIOLOGICA E ANTROPOLÓGICA DO TURISMO	12
TURISMO DE MASSA	13
COMODITIZAÇÃO DA CULTURA.....	14
A BUSCA PELA AUTENTICIDADE - DO PONTO DE VISTA DOS TURISTAS OU DA COMUNIDADE LOCAL?	15
TURISMO ÉTNICO.....	17
TURISMO DE POBREZA.....	18
TURISMO ALTERNATIVO.....	19
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	20
CAPÍTULO 02	22
GOVERNO COLONIAL E A PROMOÇÃO DO TURISMO NO TIMOR-LESTE.....	22
O DIA DO TURISTA.....	23
TURISMO DE MASSA OU DE QUALIDADE?	27
CIT – CENTRO DE INFORMAÇÃO E TURISMO – E SOCIEDADE DE TURISMO E DIVERSÃO DE TIMOR	28
ATRATIVOS TURÍSTICOS.....	28
PROPAGANDA TURÍSTICA: COMO FAZER?.....	30
DISCURSO DO SR. GOVERNADOR NO CONSELHO LEGISLATIVO	31
SÃO OS HIPPIES QUE VIAJAM À TIMOR	32
SERVIR O TURISTA: EIS A QUESTÃO	33
CAPÍTULO 3.....	36
GOVERNO PÓS-COLONIAL E A PROMOÇÃO DO TURISMO NO TIMOR-LESTE.....	36
ESTANDES DAS FEIRAS INTERNACIONAIS.....	37
VISÃO GERAL E DESAFIOS DO TURISMO NO PED DO TIMOR-LESTE 2011-2030	40
<i>Diversidade de segmentos de turismo.....</i>	<i>40</i>
<i>Zonas turísticas.....</i>	<i>42</i>
O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	47
CAPÍTULO 4.....	50
SOCIEDADE CIVIL E OS PROJETOS TURÍSTICOS NO TIMOR-LESTE.....	50
CAMPANHA <i>Do SOMETHING FOR EAST TIMOR NOW!</i>	51
ANÁLISE DOS PÔSTERS	52
AÇÕES DA ONG HABURAS.....	57
PACOTE TURÍSTICO - AGÊNCIA INTREPID TRAVEL	59
BLOGS DE TURISTAS.....	62
TURISTA OU VIAJANTE?.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
ANEXO A.....	81

Resumo

Esta monografia discute como a “cultura” local é manejada para promoção do turismo em Timor-Leste tendo em vista os discursos de diferentes atores envolvidos na conformação desse setor econômico. Cultura é tomada aqui como categoria nativa e não como categoria de análise. Utilizo o conceito como ele é apropriado do ponto político, ou seja, como mobilizador de discursos e práticas. Dentre os atores, destaco: o governo e empresariado colonial e seu projeto de desenvolvimento para o país, o governo pós-colonial e o setor privado informados pela concepção desenvolvimentista sustentável em voga para a construção do Estado nacional de Timor-Leste, as ONGs, as agências de viagem, os blogs de turistas, a campanha *Do Something for East Timor Now!*. Para capturar a pluralidade de vozes, sentidos e significados, a metodologia se baseou em: pesquisa bibliográfica; análise dos anais do Jornal *A Voz de Timor* disponibilizado nos arquivos da minha orientadora; análise do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Timor-Leste 2011-2030; levantamento de dados nas páginas eletrônicas do Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste; discussão da campanha *Do Something for East Timor Now!*, do pacote de viagem oferecido pela *IntrepidTravel* e das narrativas presentes em sites de relacionamento e blogs de turistas. As continuidades e rupturas do fenômeno do turismo no país sugerem que, no governo colonial, a “cultura” local era mais destacada com suas danças folclóricas e manifestações das mulheres e homens leste-timorenses. No governo pós-colonial, as práticas sociais são menos marcadas e estão inseridas na imagem de povo resistente haja vista a luta pela independência, subsumidas no turismo histórico e cultural. Já a valorização do sagrado, presentes no culto aos ancestrais - crenças Lulik -, aparece no âmbito do turismo religioso. O desenvolvimento sustentável aparece como impulsionador das políticas de turismo no país no governo pós-colonial, o que pode impor como desafio de governo o consentimento ativo das populações locais para os projetos de governo. Tanto no governo colonial quanto no governo pós-colonial, o treinamento dos leste-timorenses aparece como projeto de governo para promoção do turismo no país. O turismo de base comunitária aparece subsumidos nos projetos da ONG Haburas, do pacote de viagem da agência *IntrepidTravel* e no empoderamento da comunidade local haja vista os esforços da campanha *Do Something for East Timor Now!*, a qual impõe como objetivo a mudança social. No entanto, também investe na manutenção de certas características culturais para serem objeto de consumo turístico. Há um campo de conflito no modo como a identidade leste-timorense é retratada. Nos projetos turísticos contemporâneos, parece que não se quer reconhecer uma identidade portuguesa no país pela agência australiana. Já a emulação de Timor-Leste como um país da CPLP é estratégica em Portugal em razão da ideologia da lusofonia.

Palavras-chaves: projetos turísticos, cultura leste-timorense, governo colonial, governo pós-colonial, organizações não governamentais.

Introdução

A promoção do turismo em Timor-Leste é um fenômeno de longa duração e tem englobado práticas de diferentes atores, desde o período colonial. Dentre tais atores, poderemos destacar: a *Voz de Timor* (jornal da década de 60 e 70, época colonial), os governos coloniais e pós-coloniais, as agências de viagem, os guias de viagem, as redes de relacionamento, sites e blogs de viagens, as campanhas turísticas, as organizações não governamentais.

A produção social do turismo no país desencadeia inúmeros discursos e práticas sobre a “cultura” local que é manejada, de diversas formas, para fins de consumo turístico. Ressalto que cultura é tomada aqui como categoria nativa e não como categoria de análise. Utilizo o conceito como ele é utilizado do ponto de vista nativo, ou seja, como mobilizador de discursos e práticas.

Esta monografia discute como a “cultura” local é manejada para promoção do turismo no país tendo em vista os discursos desses diferentes atores que fazem parte do campo. As continuidades e rupturas do fenômeno do turismo no governo colonial e pós-colonial, a invenção e construção da cultura local e os desafios administrativos são pensados à luz dos projetos para o turismo no Timor-Leste tendo em vista seus diferentes agentes. Dessa forma, busco compreender os significados e os conteúdos à “cultura” local atribuídos pelos distintos atores.

Entretanto, cada um desses atores possui táticas ao tratar a “cultura” local tendo em vista o projeto de sua apropriação turística, que serão apresentadas em cada capítulo separadamente. Tentei capturar o maior número de elementos possível, mesmo estando no Brasil, para entender a diversidade de vozes, táticas e disputas que têm estruturado a composição de um campo de turismo no país e suas implicações no manejo, na invenção e construção da cultura leste-timorense.

Para capturar a pluralidade de vozes, sentidos e significados, a metodologia se baseou em pesquisa bibliográfica; na análise dos anais do Jornal *A Voz de Timor* disponibilizado nos arquivos da minha orientadora; na discussão do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Timor-Leste 2011-2030; no levantamento de dados nas páginas eletrônicas do Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste, da campanha *Do Something for East Timor Now!*, da agência de viagem *IntrepidTravel* e dos sites de relacionamento e dos blogs de turistas.

É importante analisar a pluralidade de vozes, táticas e disputas na arena turística porque elas produzem discursos sobre a cultura com efeitos de poder consideráveis, os quais podem impactar no modo como os sujeitos locais se percebem e atuam no mundo. Nesse sentido, as práticas e discursos sobre turismo são dispositivos de poder com potencial de moldar subjetividades.

Dessa forma, trago o pensamento de Foucault uma vez que, para esse ilustre autor, o poder está em todas as partes. O poder não deve ser entendido apenas a partir do modelo de dominação, mas na perspectiva das diversas formas de poder: “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (Foucault, 1998, p. 89). Assim, o poder deve ser entendido como uma relação de força estratégica que permeia a vida e produz novas formas de desejos, objetos, relações e discursos.

Nessa dimensão, é central compreender o paradoxo da subjetivação através do qual os mesmos processos e condições que garantem a subordinação de um sujeito são também os meios através dos quais ele se transforma numa identidade e agência autoconsciente.

Foucault (2011) analisa a construção da verdade tendo em vista a perspectiva do cristianismo. O autor compreende que a verdade deve ser analisada desnudando-a, ou seja, os adjetivos que vêm junto com a verdade devem ser separados da análise. Por exemplo, a beleza, maldade, crueldade que estão juntas da verdade devem ser separados para eficaz análise. Somente assim a verdade é observada e como ela opera na subjetividade.

A verdade está ligada ao fascínio do absoluto e o que o autor propõe a fazer é analisar esse absoluto e problematizá-lo. Há “obrigação de dizer a verdade permanente sobre si mesmo, a propósito de si mesmo e de fazê-lo sob a forma de confissão”. (Foucault, 2011, p. 135). A produção da verdade e a renúncia de si é o processo de subjetividade cristã, pois o cristão deve incessantemente mostrar os seus pensamentos, suas ações, seus discursos para um outro, deve criar a verdade que está relacionada com a sua subjetividade e mostrar ao outro, cuja dimensão só se faz presente pela existência e operação de um poder constituído.

Foucault vai além do cristianismo e observa que não só a psicanálise opera na dimensão de renúncia de si e a produção da verdade como também a pedagogia e a teoria política moderna.

“Assim, a velha hermenêutica cristã destinada ao sacrifício e a renúncia da vontade, encontra-se modernamente desdobrada, especialmente no campo da teoria política e da pedagogia, em práticas positivas para a constituição de sujeitos com vontades democráticas”. (Foucault, 2011, p. 147).

As diversas vozes, sentidos, significados e disputas subsumidas nos projetos de turismo do governo colonial e pós-colonial e das organizações não governamentais sugerem que, para esses projetos serem eficazes, faz-se necessário uma certa prática pedagógica de interação com os leste-timorenses. Prática que pode moldar subjetividades, embora seus efeitos concretos não sejam abordados no escopo desta monografia.

Esta monografia sugere que rupturas e continuidades foram marcantes no modo como a “cultura” local é representada nos governos coloniais e pós-coloniais. A apresentação da “cultura” leste-timorense no governo colonial como atração turística era mais destacada nos projetos turísticos para o país. Práticas sociais eram trazidas nesses projetos: luta de galos; pesca; caça ao veado, búfalo e porco bravo; danças folclóricas leste-timorenses; meninas leste-timorense com seus trajes típicos recepcionavam amavelmente os turistas; havia exaltação pela harmonia da diversidade étnica que viviam no país e uma certa necessidade de os homens leste-timorenses serem “controlados” pelo governo haja vista os denominados “maus costumes”.

Enquanto que, no governo pós-colonial, as práticas sociais são um pouco menos marcadas. Não há destaque para o modo como as mulheres e os homens leste-timorenses se comportam, por exemplo. O culto aos ancestrais subsumidos na crença Lulik está inserido no turismo religioso e de peregrinação e a lenda do menino e o crocodilo está subsumida em um passado no qual estrutura mítica vira lenda, manejo específico das práticas indígenas. Já no turismo histórico e cultural, movimentos mais “modernos” são trazidos para o turista observar tal como a luta pela independência. As outras práticas sociais eleitas são: as plantações de arroz, café, a pesca e o trabalho dos leste-timorenses no centro de arte e artesanato.

No que tange à sociedade civil, as práticas sociais aparecem um pouco mais destacadas. Como ruptura também se observa que o comportamento das mulheres e homens leste-timorenses não são retratados. No pacote turístico da agência *Intrepid Travel*, as práticas sociais eleitas estão subsumidas na vida tradicional dos leste-timorenses em uma área de plantações de arroz, fazendas de amendoim e campos vegetáveis para o turista observar; no passeio ao mercado local para verem os agricultores da vila fazerem o comércio de produtos como fazem há séculos; na apreciação das casas dos espíritos tradicionais. Projetos de empoderamento nos centros de artesanato também são práticas sociais eleitas a serem contempladas. Destaque é dado ao trabalho dos leste-timorenses.

Nas ações da ONG Haburas, as práticas sociais enfatizadas são a agricultura não irrigada de subsistência (plantação do milho e mandioca) e a forte coesão étnica - os Fataluku - no suco de Tutuala. Já na análise dos pôsters da campanha *Do Something for East Timor*, as práticas sociais enfatizadas são briga de galos, casamento tribal, dança dos caçadores de cabeça e os projetos de empoderamento da comunidade local. Os blogs de turistas enfatizam as plantações de café, cacau, arroz, fazendas com búfalos, artesanato, casas com telhado de folhas de palmeiras, com uma forma de amarração de acordo com o distrito de localização.

A construção social de uma consciência do turista também está envolta em continuidades e rupturas tendo em vista as análises acerca dos projetos turísticos para o Timor-Leste ao longo do tempo. Contemporaneamente, certos atores projetam um viajante que não estaria propenso a conhecer o país haja vista uma estrutura de turismo de massa (excursão e diversão), mas sim informado por toda uma construção de consciência e de responsabilidade social presentes nas ideologias e projetos de desenvolvimento sustentável para o país.

A monografia está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo é uma pequena resenha do referencial teórico desenvolvido por alguns antropólogos e sociólogos a respeito dos fenômenos relacionados ao que é tido como cultura local quando manejada para fins turísticos. Antecipo já neste primeiro capítulo alguns tópicos que apareceram nos capítulos posteriores, tais como: a busca da autenticidade, a comoditização da cultura, o turismo de massa, o turismo étnico, o turismo alternativo (subsumido nos estudos de voluntariado e filantrópicos) e o turismo de pobreza.

O segundo capítulo aborda como certas práticas locais leste-timorenses eram retratadas no Jornal *A Voz de Timor* na década de 60 e 70 no intuito de promover o turismo na época colonial. Nesse período, Timor-Leste ainda era colônia portuguesa, o que perdurou até 1975. A invenção e construção da cultura leste-timorense estavam fortemente vinculadas às ideologias portuguesas tal como a construção de um país composto de distintas etnias convivendo na mais perfeita harmonia.

As narrativas do Jornal, escritas por articulistas portugueses, revelam a importância de se desenvolver o turismo de massa no Timor-Leste, por isso um dia específico estava marcado no calendário para se comemorar o dia do turista. Dia que chegava ao país excursões de australianos, que eram recepcionados com festas e boas vindas pelas mulheres leste-timorenses em seus trajes típicos.

Os esforços do governo colonial para seduzir os turistas australianos estavam marcados no modo como a propaganda turística deveria ser realizada. Embora houvesse

pujantes esforços para atrair turistas, Timor-Leste atraíamesmo a vinda de hippies. Os então denominados de “maus costumes” dos leste-timorenses eram marcados como desafio administrativo para a prática do turismo.

No terceiro capítulo, abordo como o governo do Timor-Leste maneja a cultura local para fins turísticos contemporaneamente. Identifico como o país está sendo apresentado nas feiras internacionais que o Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste participa cujos estandes constróem ideias tanto da cultura local quanto do meio ambiente do país. A invenção e a construção da cultura leste-timorense nessas feiras internacionais estão ligadas a táticas contextuais voltadas para mercados específicos.

Abordo também como os projetos do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Timor-Leste 2011-2030 retratam a “cultura” local com finalidades turísticas. O desenvolvimento sustentável aparece como mobilizador das políticas públicas em voga no país para difundir o turismo e produzir discursos acerca da “cultura” local.

Enfatizo, no quarto capítulo, a campanha *Do Something for East Timor Now!* e o modo de promoção do turismo no país reproduzido nos pôsters de divulgação. Para isso, foi necessário identificar seus parceiros. Tais parcerias se enquadram nos serviços do Terceiro Setor. Os projetos da ONG Haburas de desenvolvimento do turismo no país também foram trazidos para se pensar acerca dos potenciais turísticos e da apropriação da “cultura” local.

Identifico também o modo como o país é apresentado para os turistas no pacote turístico da agência *IntrepidTravel*. Os blogs de turistas também retratam a “cultura” local e foram trazidos para se pensar na maneira de abordagem destes para fins turísticos. As diferenças entre as categorias de turista e de viajante são destacadas uma vez que tal particularidade se mostrou como um indício do perfil daqueles que viajam ao Timor-Leste contemporaneamente tendo em vista as expectativas relacionadas às categorias, viajantes e turistas.

As considerações finais sugerem que há um campo de conflito na invenção e construção da cultura tendo em vista o modo como a identidade leste-timorense é trazida para a promoção do turismo no país. Nos projetos turísticos contemporâneos, principalmente, no modo como a agência de viagem australiana *IntrepidTravel* retrata a “cultura” local, parece que não se quer reconhecer que Dili, capital do Timor-Leste, tenha uma identidade portuguesa. Já a ênfase latino asiática da identidade leste-timorense se faz presente haja vista a ideologia lusotropicalista que envolve a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

As ideologias desenvolvimentistas no campo do turismo aparecem tanto no governo colonial como no pós-colonial. O que as diferencia umas das outras é a marca do

desenvolvimento sustentável que se faz presente no governo pós-colonial. Tal fato pode gerar efeitos de como o governo pós-colonial retrata um consentimento ativo da comunidade local para com os projetos do desenvolvimento do turismo no país.

No que tange aos projetos da sociedade civil, o turismo étnico apareceu como indício de projeto a ser desenvolvido pela ONG Haburas em uma região com forte coesão étnica do Timor-Leste, a comunidade de Tutuala. O turismo étnico também é pensado como tática para empoderamento da comunidade local.

A busca por experiências autênticas por parte dos turistas é um chamariz para atraí-los, observável tanto nos projetos da campanha *Do Something for East Timor Now!* quanto no pacote turístico da agência de viagem *IntrepidTravel*. Ao mesmo tempo que o país é retratado como um lugar marcado por um tempo distinto e uma natureza “bruta” uma vez que o país ainda não tem a marca de um país industrial e tecnológico, os viajantes são convidados a interagirem no “cotidiano” da comunidade local, na forma de projetos de empoderamento da comunidade local.

Talempoderamento da comunidade local está subsumido em alguns projetos com práticas pedagógicas na interação dos viajantes com a comunidade local e vice-versa. Uma certa preocupação pelo treinamento da população local para o projeto turístico se desenvolver no país faz parte da construção da cultura leste-timorense para fins turísticos.

Ao destacar a educação, há um certo controle da comunidade local por parte do governo para o planejamento turístico ser eficiente e eficaz aos olhos dos planejadores do turismo. O governo da cultura tendo em vista a ênfase em treinamentos para que haja promoção do turismo no país consiste em indícios do projeto de controle da cultura. No entanto, para capturar os efeitos deste projeto uma outra pesquisa seria necessária, de modo que não se propõe abordar esta questão aqui.

As práticas pedagógicas são apresentadas nos projetos turísticos tanto no governo colonial como no governo pós-colonial nos projetos das organizações não governamentais e pacotes turísticos para o Timor-Leste subsumidas em um único objetivo: a construção da cultura local para promoção do turismo no país.

Capítulo 1

Singela resenha da literatura sociológica e antropológica do turismo

Este capítulo apresenta uma pequena resenha da produção científica de antropólogos e sociólogos a respeito do fenômeno turístico em sua interação com o que é chamado de cultura local e suas co-relações com processos de mudanças sociais daí decorrentes.

Pretendo ainda trazer alguns temas da antropologia e sociologia do turismo que se vinculam com as análises realizadas nos capítulos posteriores tendo em vista o modo como a cultura leste-timorense é abordada e construída com finalidades turísticas.

Este capítulo está dividido em seis tópicos: turismo de massa, comoditização da cultura, a busca pela autenticidade - do ponto de vista dos turistas ou da comunidade local?, turismo étnico, turismo de pobreza e turismo alternativo.

O turismo de massa era uma preocupação na época do Timor português subsumida na vontade de o governo colonial atrair, principalmente, turistas australianos para o país. A busca por uma pretensa autenticidade foi observada no modo como são vendidos os pacotes turísticos contemporaneamente. Sem contar com o forte viés da comoditização¹ da cultura em certos produtos orientados aos turistas: artesanato e *souvenirs*, por exemplo.

O turismo étnico aparece um pouco nas danças e demonstrações da cultura leste-timorense como aspectos importantes a serem exibidos aos turistas, até mesmo como característica da diversidade étnica da população leste-timorense, principalmente na época colonial.

As discussões recentes acerca da mercantilização de espaços pobres como produto turístico, que se faz uma tendência internacional, é também abordada na acepção do turismo de pobreza. Literatura significativa uma vez que Timor-Leste é um país pobre, repleto de belezas naturais e culturais envoltos em projetos desenvolvimentistas.

O turismo alternativo e as questões que envolvem essa abordagem atualmente se mostraram igualmente importantes uma vez que o modo de se usufruir do tempo livre, característica do turismo, apareceu sob a ótica do turismo de voluntariado e do turismo filantrópico.

¹Comoditização significa passar a ser *commodity*, virar mercadoria.

Assim, pretendo abordar o que alguns antropólogos e sociólogos debateram acerca desses temas e o que eles sugerem tendo em vista as pesquisas realizadas.

Para alcançar os objetivos da presente monografia tornou-se importante uma breve introdução acerca de alguns temas da sociologia e antropologia do turismo que este capítulo buscou realizar. Um campo grande e rico de estudos sociológicos e antropológicos de um fenômeno que proporciona trocas e relações entre pessoas, na maioria das vezes, de classes sociais e visões de mundo totalmente díspares.

Turismo de massa

Tendo em vista que o turismo é um projeto da modernidade, o campo de estudos proporciona àqueles que se interessam por ele uma série de melindrosos caminhos. É delicado falar sobre, mas o turismo é apenas um campo dentre outros da modernidade.

O que permeia esses debates e melindres nos estudos antropológicos e sociológicos de turismo está relacionado com os impactos sociais e culturais que o turismo pode desencadear em coletivos humanos por ele afetados. As populações indígenas que vivem em destinos turísticos fora do mundo industrializado sofrem as consequências do impacto do turismo na saúde (Bauer, 2008).

Por outro lado, repensar os estudos sociológicos e antropológicos sobre o turismo, principalmente, aqueles que lidam com a convencionalizada ou institucionalizada moderna massa de turistas é uma necessidade uma vez que tal fenômeno é corrente e não pode ser menosprezado na dinâmica social contemporânea.

Nesse sentido, a especificação das condições econômicas, sociais e culturais em que turismo gera mudanças sociais das mais diversas naturezas – desenvolvimento ou dependência, por exemplo - deve ser objeto de estudos dos cientistas sociais (Cohen, 1979).

Em sociedades nas quais a população local não se atentou para a importância do turismo, pessoas de fora da comunidade estão à frente do empreendimento turístico do local. Já as sociedades que notaram a importância do turismo, o governo e os de dentro da comunidade detêm as diretrizes dos projetos turísticos. (Cohen, 1979).

O turismo pode degradar formas locais de expressão cultural, na forma da comoditização da cultura, mas o turismo pode ser um grande estímulo para preservação de habilidades antigas e desenvolvimento de novas (Macnaught, 1982).

Já Philips (1984) considera não ser tão simples como Macnaught quer fazer crer a preservação de habilidades antigas e desenvolvimento de novas que o turismo pode fomentar

porque "o melhor do passado" consiste de recompensas e de negociação. Por outro lado, concorda com a mitigação dos males do turismo: são os moradores que devem estar no controle mais amplo do turismo.

Vê-se que o turismo de massa desencadeia diversas discussões, principalmente, sobre como a população local deve interagir com o fenômeno, ou seja, a importância de a comunidade local estar à frente desse projeto na sua comunidade.

Comoditização da cultura

Na modernidade, a “cultura” é transformada em arte, ou seja, em produto, e pode ser analisada sob o viés da comoditização da cultura. Tal aspecto prende a atenção de antropólogos e sociólogos.

As suposições prevalentes na literatura do turismo no que tange à comoditização da cultura têm algumas implicações importantes para o estudo dos impactos social e cultural do turismo. Trago ao texto alguns estudiosos que discutiram o tema.

Geenwood (1977) critica a chamada comoditização da cultura. Acredita que uma característica fundamental do sistema capitalista é que um preço pode ser fixado para tudo, o que ocorre quando a cultura local passa a fazer parte de um palco de exibição. O espectador altera o significado das atividades. Nessas circunstâncias, tanto a cultura local quanto a população local estão sendo exploradas.

Para exemplificar seu raciocínio, o autor retratou o ritual público *Alarde de Fuenterrabia* que recria a vitória da Espanha sobre a França no século XVII (ano 1638), batalha na qual França e Espanha lutaram pelo controle do território nordeste da Espanha, apresentado nas cidades Bascas e não Bascas da Espanha. O significado do *Alarde* para os locais era de solidariedade entre homens, mulheres, crianças, fazendeiros, pescadores e comerciantes para suportar as investidas vindas de fora. Entretanto, com o crescente número de turistas, as autoridades declararam que o ritual deveria ser realizado duas vezes no mesmo dia para acomodar os visitantes. Os habitantes locais perderam o interesse pelo ritual, pois este se tornou uma performance por dinheiro, na qual os ciganos foram pagos para dançar. O ritual tornou-se uma performance encenada, uma commodity cultural, onde não existe o consenso dos participantes e pode ser realizado por qualquer um.

Já Acciaioli (1985) traz exemplos de danças indonésias que eram consideradas pagãs e o governo as substituiu por outra dança, o *Dero*, considerada menos ofensiva ao cristianismo. E, hoje, o *Dero* é tido como uma dança tradicional da área Central Sulawesi.

Destaca que costumes foram apropriados para os propósitos do Estado Indonésio e danças, que são consideradas tradicionais, na verdade, foram uma criação do Estado, que, aos poucos, foram se tornando atrações turísticas.

Em contrapartida, Cohen (1988) acredita que comoditização não necessariamente destrói o significado dos fenômenos culturais, nem para os locais, nem para os turistas, embora possa acontecer em certas condições. Produtos orientados ao turista frequentemente adquirem novos significados para os locais. Tornam um marco diacrítico de sua identidade étnica e cultural, um veículo de representação deles mesmo diante de um público externo. Contudo, velhos significados não necessariamente desaparecem, mas podem permanecer salientes, em um diferente nível, para um público interno, apesar da comoditização.

Acredito que a construção da comoditização dos produtos culturais pode ser realizada por diversos atores, inclusive o Estado, e um novo significado é criado para os produtos vendidos. Eles são subtraídos de seu contexto geral de existência, modificados de várias maneiras por vários agentes para a seguir ser apresentados aos turistas para venda. Nesse momento, eles são apreendidos a partir do sistema classificatório do turista que projeta sobre os artefatos suas fantasias do que é aquilo.

A busca pela autenticidade - do ponto de vista dos turistas ou da comunidade local?

A busca pela autenticidade por parte do turista e o modo como a população local se relaciona com essa vontade do turista de massamarcam o debate na literatura antropológica do turismo.

No que diz respeito ao emprego do termo autenticidade, faz-se imprescindível trazer MacCannell, pois este autor destacou a busca pela autenticidade na consciência turística haja vista as motivações por experiências autênticas. Os turistas acreditam que são movidos nessa direção, mas, frequentemente, é difícil saber com certeza se essas experiências são de fato autênticas. O que era para ser uma entrada na *backregion* (sagrado), ou seja, no cotidiano de uma comunidade, na verdade é uma entrada na *front region* (profano), toda feita para a visitação turística (MacCannell, 1999).

Tais experiências autênticas dos turistas são buscadas, por exemplo, quando há evocação de outros períodos históricos e quando há contato com outras sociedades. A inautenticidade e superficialidade da vida “moderna” fazem os turistas buscar a autenticidade, seria uma versão “moderna” da busca do sagrado. Em contrapartida,

estudiosos não muito confortáveis com o uso do conceito de autenticidade nos estudos antropológicos do turismo consideram que o termo deve ser revisto.

Assim, Urry (1996) entende que parece incorreto sugerir que a busca da autenticidade é a base da organização do turismo. Característica principal parece ser a de que existe uma diferença entre o lugar normal de residência-trabalho e o objeto do olhar do turista. A procura daquilo que se considera ser os elementos autênticos pode constituir um componente importante, mas isso se dá apenas porque existe, em certo sentido, um contraste entre as experiências cotidianas do turista comparado com as experiências cotidianas dos locais. A reflexão a ser feita é sobre o olhar diferenciado do turista, em especial sobre aspectos encontrados por ele nos lugares visitados que os distinguem dos lugares encontrados cotidianamente. Trata-se da divisão binária entre o ordinário-cotidiano e o extraordinário.

Outra contribuição para reflexão sobre o termo autenticidade consiste em sua criação ser importante ao turismo como um dispositivo que incita desejo e a produção do valor na interação da comunidade local com o turista. Mesmo que a experiência turística esteja ocorrendo na arena montada para visitação turística, há uma possibilidade de uma troca sincera ocorrer entre os participantes envolvidos em um encontro turístico dado (Taylor, 2001).

Aos poucos, a busca pela autenticidade vai saindo do ponto de vista do turista e se direcionando para o ponto de vista dos locais.

Em estudos mais recentes, Martin (2010), nas etnografias realizadas ao redor do evento turístico em Nova Guiné Papua, considera-se que as críticas ao conceito de autenticidade nos estudos de turismo tiveram o efeito infeliz de silenciar reivindicações e contra-reivindicações da comunidade local ao buscar encenar a autenticidade na relação com os turistas. O entendimento quanto às reivindicações de autenticidade dessas performances é de importância central ao entendimento para um amplo contexto social dentro do qual o turismo é praticado.

O ponto fundamental, para Martin (2010), é que as alegações diversas da autenticidade vão continuar a ser uma parte de como as pessoas contestam o significado e os resultados de apresentações culturais em que reencenam o passado. Se os pesquisadores se sentem confortáveis com isso ou não, a tarefa destes deve ser a de tentar dar sentido a cada afirmação ou negação de autenticidade no contexto social específico em que ela surge e faz sentido.

Percebe-se como a questão da autenticidade nos estudos do turismo é polêmica e levanta discussões por parte dos antropólogos até nas pesquisas mais contemporâneas. A

autenticidade pensada no modo como os turistas procuram o outro e, ao mesmo tempo, no modo como a população local se relaciona com essa expectativa do turista marcam os estudos e não há consenso a respeito do conceito.

Desse modo, a população local não apenas representa seus costumes e tradições, mas toda uma preocupação com a questão da autenticidade, buscada pelo turista e reivindicada pelos locais. A autenticidade que, para os antropólogos, pode ser uma noção sem grande importância, uma vez que é sabido que não existe “cultura” intocada e totalmente autêntica, no campo de estudos do turismo, é uma categoria polêmica e que levanta vários debates.

Turismo étnico

A diversidade étnica leste-timorense é enfatizada tanto pelos governos colonial e pós-colonial como pelas ONGs como característica importante a ser destacada e apresentada aos turistas.

O que define o turismo étnico é a construção de uma etnicidade para exibição. “É a produção cultural de tradições a serem exibidas com sinais diacríticos em arenas turísticas que vai ressaltar o caráter étnico destas” (Grunewald, 2003, p. 152).

O turismo étnico tem como característica o atrativo da forma de vida e das tradições de determinados grupos humanos unificados por uma mesma raiz étnica. Em muitos lugares com grupos indígenas das Américas, o turismo étnico se desenvolveu a partir dos próprios membros das comunidades que viram no turismo uma oportunidade de compartilhar e mostrar sua cultura (Barreto, 2005).

Entretanto, quem seriam essas pessoas da comunidade a ter as rédeas do turismo étnico? Seriam pessoas mais simples da comunidade local ou a elite?

Berghe (1995), em sua pesquisa sobre o turismo étnico no México, considera que os papéis do governo federal e estaduais, da intelectualidade nacional e da burguesia empresarial local no desenvolvimento do turismo étnico no México são algo complexo. Seu estudo centrou-se na área de cultura maia nas terras altas de Chiapas, e em torno da cidade mestiça, San Cristobal de las Casas. Localmente, o governo agiu como um agente de modernização e, assim, preparou o terreno para o turismo étnico. Mas o desenvolvimento de uma infraestrutura turística específica e comercialização dos maias tem sido em grande parte uma resposta da mestiça burguesia local a um crescente nicho econômico.

A complexidade do campo e da tomada das rédeas do turismo étnico estão marcadas nesses autores ao trazerem a participação da comunidade local à frente desses

empreendimentos. Entretanto, há controvérsias a respeito de qual grupo irá lucrar com o empreendimento, como foi o caso da comercialização dos maia pela burguesia mestiça local.

No que tange ao turismo étnico atrair o mercado internacional, Graburn (2008) observou a construção de Parques Temáticos Étnicos em aldeias chinesas subsumidos nos conceitos de turismo étnico e rural. A maioria das aldeias está fora do circuito turístico nacional. Os governos locais e regionais tentam desenvolver essas áreas para serem atraentes aos mercados nacional e internacional.

Na maioria dos casos, o desenvolvimento do turismo em área étnica inclui as populações locais como atração turística. Entende-se que o turismo promove a diminuição da pobreza por isso o esforço governamental em desenvolvê-lo. Além do mais, o turismo étnico também gera prestígio internacional uma vez que atrai turistas internacionais.

Turismo de pobreza

O turismo de pobreza é um tipo de turismo que está no auge. Atrair turistas para territórios pobres a serem explorados é uma tendência internacional. Em uma perspectiva neoliberal, até a pobreza vira consumo turístico e passa a ser mercantilizada. Por outro lado, o turismo pode agravar as desigualdades ao fortalecer a pobreza no contexto de livre mercado.

Nessa onda de turismo de pobreza, o turismo nas favelas cariocas foi tomado como objeto de pesquisa por Freire-Medeiros (2007), que tem produzido alguns artigos a respeito desse fenômeno. A autora sugere que não é possível reduzir o turismo na favela como zoológico de pobre. Faz-se necessário observar as complexidades desse processo, tal como relação dos promotores do turismo com o tráfico de drogas. No que diz respeito à mercantilização da pobreza, a questão é quem é o protagonista nesse processo de venda e consumo. Os moradores da comunidade não se incomodam com a presença dos turistas, embora eles não devam ser vistos como passivos nesse processo. Acredita que o turismo não deve ser analisado sob a perspectiva de que está explorando os favelados uma vez que muitos dos cientistas sociais se utilizam da favela como experimentos aos seus anseios intelectuais.

Em outro artigo a respeito do turismo nas favelas cariocas, Bianca Freire-Medeiros (2010) defende que o tema é mais complexo do que tratar as categorias abstratamente, tal como: pobre, capital, poder estatal, agências de turismo. Acredita que a favela faz parte de um processo de distância e aproximação entre diferentes atores sociais cujas identidades – favelado, guia, gringo – são identidades construídas por meio da favela turística. Existe uma

idealização desses atores um para com o outro. Esse coletivo, cada um a sua maneira, procura criar regras para a interação nessa gramática de sociabilidade.

No que tange à proximidade de atores sociais de classe média e alta e a pobreza nas cidades do Rio de Janeiro, Joanesburgo e Cidade do Cabo, Freire-Medeiros (2009) destaca que antes essa proximidade era fruto da ação humanitária e filantrópica dos anos 80 e 90. Ultimamente, a autora defende que o turismo na favela é uma oportunidade de consumo diferente da ação humanitária. Esse tipo de turismo, promovido pelas ONGs, agentes de turismo ou governo, defende o turismo em lugares pobres tendo em vista o incremento do desenvolvimento econômico do local.

Dessa forma, a prática do turismo de pobreza é complexa e abrange uma dimensão que engloba as ONGs, o governo, as agências de turismo a fim de potencializar e abrir novos horizontes para se usufruir do tempo de lazer. Esses pacotes turísticos são comuns internacionalmente, o que revela uma preferência das pessoas em comprar e se aventurar em lugares díspares e pobres.

No que se refere à capacidade do turismo em incrementar o crescimento econômico e a construção de instituições pós-conflito, Novelli et al (2012) entendem esse processo como turismo esperançoso e creem que, apesar da continuada instabilidade política interna no Burundi, país da África subsaariana, onde sua pesquisa é baseada, o desenvolvimento do turismo pode oferecer oportunidades de trabalho e acelerar o processo de cicatrização de situações pós-conflito. A inclusão e empoderamento das comunidades rurais no turismo pode não somente providenciar oportunidades empreendedoras pró-pobreza mas endereçar causas sociais de conflito.

É uma visão otimista do turismo nos países em situações pós-conflito. Entretanto, acredito que o turismo pode trazer benefícios para a população local. Por outro lado, também pode ressaltar desigualdades e fomentar uma certa exploração capitalista.

Turismo alternativo

Estudos mais recentes de turismo publicados nos *Annals of Tourism Research* abordam questões referentes a um mercado alternativo de turismo incipiente: o turismo de voluntariado e o filantrópico. Esse tipo de turismo reúne pessoas que viajam e, no curto período de suas férias, continuam trabalhando, possuem consciência ambiental e responsabilidade social e se engajam em projetos sócio-ambientais desenvolvidos por ONGs.

Conran (2011) defende que o turismo de voluntariado é definido como uma atividade

na qual pessoas pagam para se voluntariar no desenvolvimento de projetos. Baseado em nove meses de trabalho de campo etnográfico entre três ONGs no norte da Tailândia, seu artigo sugere que a intimidade emerge como um tema dominante no turismo de voluntariado nas descrições das experiências dos participantes.

“O foco intimista ofusca as desigualdades estruturais na qual o encontro é baseado, ressignifica a questão da desigualdade estrutural como uma questão de moralidade individual e perpetua uma política apolítica de turismo de voluntariados.” (Conran, 2011, p.1455, *tradução minha*). Apesar dessas críticas, seu artigo sugere que voluntariado pode servir como plataforma de amplas agendas de justiça social.

JáLacey et al (2012) exploraram a extensão na qual as visitas filantrópicas de turistas no orfanato no Leste da África, onde sua pesquisa se baseia, foram capazes de escutar e dar voz às preocupações dos hospedeiros. A motivação e oportunidade são características importantes no que tange à disseminação da voz local no contexto de encontros curtos de turismo. Seus estudos revelam que conexões emocionais podem ser realizadas dentro de um curto espaço de tempo.

Os dois artigos trazem algo interessante de se observar: a brevidade dos encontros no turismo alternativo pode proporcionar um envolvimento emocional entre aquele que viaja e a população local. Essa ligação, que desenvolve vínculos, pode até funcionar como âncora política uma vez que a população local tem a oportunidade de ser ouvida.

Algumas considerações

Uma vez que esta monografia está voltada para análise de projetos turísticos e o consequente manejo da cultura local para atrair a vinda dos turistas ao país, não me é possível analisar a reivindicação e a negociação de uma pretensa autenticidade na arena turística por alguma comunidade local no Timor-Leste porque não tenho dados de campo para compreender essa relação e nem afirmar categoricamente se ela existe. Nem me é possível afirmar que o turismo étnico está em voga no país, embora haja indícios para o desenvolvimento desse tipo de turismo na comunidade de Tutualacom forte coesão étnica no projeto da ONG Haburas. Entretanto, é apenas um dado que está disponível baseado em um projeto.

Em contrapartida, posso afirmar que os projetos turísticos tanto do governo colonial quanto do governo pós-colonial assim como das organizações não governamentais constroem a cultura leste-timorense tendo em vista certos interesses para a projeção do país no mercado

internacional do turismo. Dessa forma, a cultura leste-timorense faz parte de um campo de negociação e invenção no qual as identidades leste-timorenses, tal como a de um país latino asiático ou a de um país ainda em busca de sua identidade, são construídas no campo do turismo subsumidos nos interesses dos atores em sua promoção turística.

Acredito que, pelo fato de o Timor-Leste ser um país pobre, o turismo de pobreza se faz atraente no mercado internacional e pode estar subsumido na busca por experiências turísticas daqueles que viajam ao país apoiado por uma certa mercantilização da pobreza em voga contemporaneamente, observado na venda dos pacotes turísticos da agência de viagem.

Do mesmo modo, a ida ao país dos voluntários, muitos dos quais atraídos pelo empoderamento da população local, também aparecem no campo do turismo do Timor-Leste, mas não me é possível afirmar como essa interação ocorre, embora haja indícios de que uma mudança social possa ser construída haja vista as práticas pedagógicas serem idealizadas nessa relação.

Já a busca por uma autenticidade por parte dos turistas é trazida para se pensar no modo como a campanha *Do Something for East Timor Now!* e o pacote turístico da agência de viagem *IntrepidTravel* atraem os viajantes ao país. A história das comunidades locais, o contato do turista com uma natureza “virgem”, ou seja, um país menos urbano e desenvolvido, assim como a interação com o que é vendido como “cotidiano” das comunidades locais aparecem subsumidas nos estudos de autenticidade conforme MacCannell(1999).

Este capítulo teve o propósito de apresentar uma singela resenha de uma literatura vasta do campo da antropologia e do turismo que esta monografia aborda e abre alguns horizontes para se pensar em possibilidades de pesquisa a ser realizada, por exemplo, em um futuro estudo.

Capítulo 02

Governo colonial e a promoção do turismo no Timor-Leste

Este capítulo analisa como a cultura local foi abordada tendo em vista a promoção turística na época colonial entre 1960 e 1970². Desde o período colonial, o turismo era considerado um impulsionador de desenvolvimento do país e a preocupação em estimular esse setor era constante.

A análise se debruçou nos anais do Jornal *A Voz de Timor* entre as décadas de 60 e 70, disponíveis nos arquivos da minha orientadora. O Jornal era patrocinado pelo governo colonial.

Em 19 de julho de 1974, Alberto Martinho publicou no Jornal o que chamou de pesquisa sociológica realizada por ele e sua equipe com a juventude escolar do Timor-Leste sobre os setores econômicos mais importantes para o desenvolvimento do país. O turismo foi um dos setores analisados dentre outros como agricultura, comércio, indústria, pesca e criação de gado.

Para o desenvolvimento do turismo acontecer, a preocupação do governo se voltou à hospedagem, à construção de aeroportos, à construção de estradas asfaltadas e à construção de hotéis de grande porte. Tais projetos desenvolvimentistas apareceram em vários artigos do Jornal. Algumas pousadas, como a de Maubisse, eram de propriedade do Estado e classificadas como de utilidade turística.

Este capítulo está dividido em oito tópicos: o Dia do Turista; turismo de massa ou de qualidade?; CIT – Centro de Informação e Turismo - e a Sociedade de Turismo e Diversão de Timor; atrativos turísticos; propaganda turística: como fazer?; discurso do Sr. Governador no Conselho Legislativo; são os hippies que viajam à Timor e servir o turista: eis a questão.

O planejamento turístico era realizado pelo CIT (Centro de Informação do Turismo). O diretor do CIT fez viagens a Maucau e Austrália: ambos países influenciaram as políticas de turismo no Timor na época colonial.

² Nessa época, Timor-Leste ainda era colônia de Portugal. O país foi colonizado até 1975 por Portugal, em seguida invadido e anexado como província pela Indonésia. Em 1999, após consulta popular a favor da independência, as tropas indonésias não se retiraram de forma pacífica, o que implicou no envio da força multinacional das Nações Unidas (INTERFET – *International Force for East Timor* - foi a força multinacional liderada pela Austrália incumbida de restabelecer a paz no Timor-Leste no dia 19 de setembro de 1999) para impor a paz e apoiar o processo de independência.

O dia 20 de abril era o dia específico para se comemorar o Dia do Turista. Excursões de australianos viajavam para o país e o CIT “recepçionava-os como rei e rainha”. Nessas recepções, as meninas leste-timorenses com trajés típicos eram representadas sob a condição de agradar os turistas.

Máquinas de diversão eram apresentadas como atrativos turísticos além do artesanato, folclore, casas típicas de Los Palos e luta de galos. A elaboração da propaganda turística para o país era preocupação de algumas matérias publicadas no jornal.

Em discurso no Conselho Legislativo, verificou-se aumento do quantitativo de turistas que entraram no país em 1967 e 1968. Entretanto, tal aumento estava longe do almejado número de visitantes.

Por outro lado, o que se pode perceber é que o perfil dos que viajavam para o país se enquadrava no dos hippies, que adoravam viajar para Timor-Leste. Sua filosofia e estilo de vida eram admirados pelos articulistas.

O setor do turismo se enquadra no futuro, no sonho de se fazer do país um lugar muito visitado. Mas para isso acontecer, deveria servir bem o turista. Para tanto, sugere-se ser necessário civilizar, controlar as populações locais que ainda não possuem “bons costumes”. Manejo da cultura pelo governo colonial voltada ao controle da cultura leste-timorense com a finalidade de promoção do turismo no país.

O Dia do Turista

A preocupação com o turismo era tamanha que foi instituído o Dia do Turista em Timor Português (20 de abril). Comemoração realizada pelos portugueses aos turistas que visitavam o país. No dia 05 de maio de 1965, o turista foi recepcionado com festa no aeroporto de Baucau, a “cultura” leste timorense foi exibida aos turistas que acompanhavam a recepção “cheios de júbilos”, nos termos da reportagem:

(...) Baucau, onde se situa o nosso aeroporto internacional, foi naturalmente o ponto escolhido para se comemorar o Dia do Turista.

Entre dois mastros, no topo dos quais flutuavam Bandeiras Nacionais, um dístico de letras negras em fundo branco com um Welcome que se via a grande distância, esticado a um dos lados do aerogare, foi o primeiro cumprimento, fleugmático mas expressivo, que chamou a atenção dos 22 turistas que ali desembarcaram no dia 23 do mês findo.

Mas os olhares dos forasteiros poucos segundos tiveram que se deterem na saudação desse dístico. Entretanto, o rancho folclórico do Venilale arrancou, ao som dos tan-tans dos gongos, uma dança movimentada, espadanando o ambiente cálido com a vibração estonteante dos seus penachos policromos em <bouquet> de cor que se desdobrava em nuances de arco-íris.

E o desbobinar dum filme exótico, em que as danças se sucediam em quadros de variados ângulos de luz, surpreendentes de efeito, surpreendidos por uma <mise-en-sc`ene> espontânea, com toda a verdadeira arte popular, surgiu inopinadamente em frente dos turistas que, passados os primeiros momentos de espanto, se dispersaram, a correr, disparando atrapalhadamente as suas máquinas fotográficas num ritmo de impressionante precipitação.

As exclamações de prazer entrecruzavam-se com apreciações elogiosas, em passagens fugazes de uns pelos outros na azáfama de fixarem imagens e não perderem pormenores.

Ah! – falta um gravador – exclamou a certa altura um dos turistas, de meia idade com toda a aparência de homem que vendia saúde.

Quando os gongs afrouxaram e a sonoridade do seu conjunto se esbateu, solicitados pelos serviços de emigração, os turistas se dirigiram-se para a aerogare, olhando ainda para trás, onde nova surpresa os esperava.

Atendidos à entrada pela Sra D. Isabel Burnay, em funções do Centro de Informação e Turismo, cada turista que entrava era obsequiado com uma tabaqueira de finha palha de arroz, autêntico trabalho de filigrana, em que a simetria do entrançado se cansava, em excelente combinação de cores, com a viva, mimosa e delicada inspiração de debuxo, contendo um maço de cigarros portugueses. Um grupo de raparigas timorenses, trajando tipicamente, com adornos ricos, entregava essa lembrança, revestida pelo celofone diáfano dum sorriso fresco, diríamos até que sedutor, se não fosse a bela naturalidade do seu entreabrir de lábios, sem baton e sem resquício de estudo persistente ao espelho. (...)

Percebe-se como as danças leste-timorenses eram retratadas como uma arte exótica e as meninas timorenses, com seus trajes típicos, em uma condição de recepcionar amavelmente a chegada dos turistas. As meninas podiam até seduzir os turistas, mas elas não usavam baton nem eram estudadas. Condições que a colocam em outra posição, o que mostrava a construção social do que era importante para um relacionamento aos olhos do articulista: estudo e apresentação pessoal.

No dia 23 de abril de 1967, o Dia do Turista é ressaltado como:

Resultou em brilhante a comemoração em Timor de O Dia do Turista

(...) Dezenas de pessoas correram para presenciar a festa, que se reveste, muito de agrado dos forasteiros desembarcados, e serve o cidadão de entusiasmar a própria tripulação da aeronave que são escoados da agradável surpresa que o acontecimento lhes causou.

Num letreiro de grandes dimensões, lia-se esta saudação: Welcometo Timor. Cá fora, em alas, com os seus trajes coloridos e penachos de penas multicores estava o grupo folclórico de Venilale com cerca de cinquenta figuras.

À chegada do avião os turistas foram recebidos pelo funcionário do CIT Helter Carapeta que lhe apresentou cumprimentos de boas vindas e lhe explicou que estava celebrando o Dia do Turista.

A emissora de Rádiodifusão esteve presente com os seus serviços exteriores e recolheu impressões de diversos turistas, senhoras e senhores, todos eles exprimindo o agrado da surpresa que classificaram de muito interessante, manifestando a maior admiração pela beleza natural da ilha que observaram do ar.

Quando os turistas se aproximaram do aerogare, o grupo folclórico de Venilale executava danças que prenderam a atenção de todos, originando exclamações de júbilo e uma ação objetiva das máquinas fotográficas que transportavam.

Um grupo de raparigas timorenses trajando a rigor vestes tradicionais oferecem a cada turista, como lembrança, carteiras de palha de arroz contendo um maço de cigarro de fabrico português.

No interior do aerogare, foram oferecidas cálices de vinho de porto da nossa melhor garrafeira, presentes apreciadíssimos que os turistas não cansavam de elogiar, repetindo às vezes que quiseram, a oferta.

Dali se dirigiram ao *DutyFreeStore* onde fizeram compras volumosas. Também esteve bastante concorrida uma barraca de artigos de artesanato, armada, para o efeito, neste dia, nas proximidades do aerogare.

Ouviste pela Emissora de Radiodifusão, o comandante de avião australiano dos T.A.A disse que tem percorrido vários países mas que em nenhum assistiu a uma recepção com tão belas características de amabilidade espontânea como aquela que acabava de ver, exprimindo que está convencido tratar-se de recepção única em todo o mundo e que, em sua opinião, só o povo português, pela sua índole, seria capaz de proporcionar a visitantes uma homenagem tão francamente cativante.

À noite, no clube local, os turistas foram agraciados com um baile, a eles especialmente dedicados, onde tiveram a oportunidade de contactar como etnias diferentes se dão na mais perfeita harmonia sem sequer se lembrarem disso e nem preconceitos raciais de qualquer espécie.

Há um momento destinado às compras no *DutyFree* além das compras dos artigos de artesanato, momentos típicos do turismo na época colonial subsumidos na concepção do turismo de massa. O orgulho pelo modo cordial e solícito dos portugueses de receber os turistas foi enfatizado. Mais uma vez as mulheres timorenses eram representadas com as vestes típicas e em situação de agradar o turista. Grupo folclórico prendeu a atenção do turista. Exaltam a harmonia da convivência da diversidade étnica do país na qual os turistas puderam apreciar em baile em um clube local. Todo evento foi registrado pela emissora de Radiodifusão. Percebe-se que a “cultura” local é bem destacada no governo colonial pelos articulistas.

No dia 03 de maio de 1970, o Dia do Turista é descrito como:

Uma surpresa agradável no Dia do Turista

(...) As recepções festivas tiveram desta vez lugar nos aeroportos de Dili e Baucau, no habitual ambiente de cor, graciosidade cativante e amabilidade que seduz.

Ao desembarcarem, os turistas foram surpreendidos por inesperado acolhimento gentil que lhes foi dispensado por meninas, em trajes tipicamente timorenses, logo à saída do avião.

Depois, já no aerogare, cada turista foi obsequiado com vinho do Porto, servido em cálice de cristal, e recebeu, como lembrança, uma tabaqueira de palha colorida com um maço de cigarros de fabrico nacional.

Em Dili houve uma surpresa agradável. No avião da Zamrud, que liga a nossa capital com Bali, vinha, acidentalmente, o Governador de Cupão, coronel El-Tari, distinto oficial superior do Exército indonésio que conta numerosos amigos entre os portugueses de Timor. Ao ser reconhecido foram-lhe dispensadas especiais

atenções e expressado quanto nos alegrava vê-lo novamente na nossa província ainda que por poucas horas.

O coronel El-Tari, que é na verdade uma pessoa que irradia simpatia, mostrou-se satisfeito com a festa que veio encontrar.

Da sua comitiva faziam parte outras altas individualidades indonésias, que, de igual modo, foram obsequiados.

O Dia do Turista foi assim este ano assinalado com a grata presença do Governador de Cupão que um caso fortuito trouxe até nós exatamente no dia dedicado à amizade entre os homens.

Nesse dia de comemoração do turista, houve presenças ilustres: o Governador de Cupão (Kupang, atual capital de Timor Ocidental) e algumas autoridades indonésias. Os turistas foram recebidos com vinho do Porto, servido em cálice de cristal e receberam como lembrança uma tabaqueira com maço de cigarros. Mais uma vez as meninas com trajés típicos são gentis com os turistas. No dia 02 de maio de 1971, encontra-se:

O Dia do Turista

Comemorado em Timor

A exemplo dos anos anteriores, foi comemorado entre nós no passado dia 20 de Abril o Dia do Turista, efeméride já tão generalizada na metrópole e posta aqui em prática pelo Centro de Informação e Turismo de Timor.

O aeroporto internacional de Madeira Pinto, em Baucau, vestiu as suas maiores galas para receber o turista que naquele dia teve o privilégio de vir até Timor. À entrada da aerogare, viam-se bandeiras verde-rubras e arcos de folhas de palmeira; e os barulhos dos *tantans* e dos *gongs* dos dançarinos de Bucoli toldavam o ambiente de luz, cor e ritmo.

Eram precisamente 14 horas e 30 minutos quando o *Friendship* dos TAA, suavemente, deslizou para junto da placa de estacionamento. Imediatamente, um grupo de raparigas timorenses, todas elas trajando as indumentárias características da região, se acercaram do avião para, à medida que os passageiros iam descendo, obsequiar com tabaqueiras típicas de Maubara, etiquetadas com a palavra *Timor*, e com panfletos de propaganda turística das mais diversas parcelas portuguesas. A surpresa foi geral, e nos rostos de todos quanto da aeronave iam saindo espelhava-se uma natural e espontânea alegria naquele momento deveras inesquecível, que era bem um indeclinável convite para voltarem a Timor nas próximas férias, <Welcome>, Dia do Turista – Welcometo Timor, eram dísticos espalhados ao redor do avião, ao mesmo tempo que os dançarinos se exibiam com a graciosidade que lhes é peculiar. Na varanda da aerogare, enquanto assistiam à exibição da dança folclórica e tiravam centenas de fotografias, foram os visitantes obsequiados com cálice de genuíno Vinho do Porto, acompanhados de doces típicos da região (torta de coco - uma especialidade da Pousada, e de laranja). (...)

O barulho ritmado dos batuques era mais estridente agora, e deste Dia do Turista, de 1971 ficou-nos a consoladora certeza de que foi dado mais um passo em frente na escala de promoção turística desta bela e exótica terra portuguesa de Timor.

Vinho do Porto, doces típicos da região para acompanhar o vinho, panfletos de propagandas turísticas eram oferecidos aos turistas e mais uma vez as meninas, com trajés típicos, recepcionaram os turistas. Dança e música eram oferecidos como produto turístico.

Eram os australianos que visitavam o país em excursão e sendo “recebidos com festa e tratamento de rei e rainha”.

Os esforços do governo colonial em bem receber os turistas retratados nesses dias especialmente marcados no calendário eram pujantes. Os turistas eram retratados em uma condição de apenas apreciar as danças, o folclore que lhe era exibido. Retratados em uma condição de usufruir do que a “cultura” local poderia lhe dar.

Turismo de massa ou de qualidade?

No Jornal do dia 12 de março de 1967, o articulista se perguntava o que era melhor para o turismo no Timor, se o turismo de qualidade ou de massa:

O Turismo em Timor

Na hora exata de opção

Assinalada duas correntes distintas do setor de turismo – a do turismo de qualidade e a do turismo de massa - parece-nos oportuno que Timor se faça um esforço de reflexão no que concerne aos investimentos a efetuar pelo Plano de Fomento, determinando-se desde já por que espécie de turismo devemos optar, e isso para sabermos quais os trabalhos que interessa em promover com prioridade a fim de não se perderem as exíguas verbas de que dispomos com inconsequentes programas ambiciosos. Economicamente, o turismo de qualidade é mais rendoso pois proporciona uma maior entrada de divisas.

Mas para atendermos o turismo de qualidade precisávamos de hotéis de primeira que não temos, de boites inexistentes e de todo o equipamento de luxo que estamos impossibilitados de adquirir nos anos mais próximos.

(...) As perspectivas turísticas que hoje a Província oferece são francamente propícias – bastantes favoráveis à atração dos mercados periféricos do turismo de massas da Austrália não se prestam, de modo nenhum, à conquista das correntes turísticas de qualidade que, naquele país vizinho convergem dos espaços ricos do mundo.

Há ainda que ponderar, dado o estágio de desenvolvimento da Província, e desnivelamento econômico que o turismo de qualidade exige e o termo de comparação que representa entre os estrangeiros que nos visitam e os elementos da população local, desnivelamento que necessariamente produz um surto inflacionista de efeitos indesejáveis.

Com o turismo de massa ganha-se em convivência humana, em intercâmbio de culturas, estabelecimento de amizades duradouras e apresenta-se bastante atenuado o perigo da inflação em que falamos.

Impõe-se assim, como nos quer parecer, sensibilizar todo o nosso esforço de fomento no sentido de formarmos aprazíveis e saudosos, ao sabor regional, os polos de atração que mais agradam o turista de massa, pelo que temos, as mãos cheias por toda a Província.

Embora o turismo de qualidade seja mais rentável, o país ainda não tinha condições de receber essa demanda. Dessa forma, o turismo de massa prevaleceu como projeto para o país uma vez que acreditavam que o país era um lugar atraente para esse tipo de turismo se desenvolver. Até porque o turismo para o país atraía os mercados periféricos do turismo de

massa da Austrália. Acreditavam que, com o turismo de massa, ganhava-se em convivência humana e em intercâmbio de culturas. Eram as excursões de australianos que desembarcavam no país, conforme matéria do dia 05 de maio de 1965 e do dia 05 de fevereiro de 1967 sugerem. Entretanto, não se preocupavam com os impactos sociais e culturais do turismo de massa.

CIT – Centro de Informação e Turismo – e Sociedade de Turismo e Diversão de Timor

O planejamento do turismo timorense se fez com a visita do diretor do CIT à Austrália e Macau, conforme reportagens dos dias 27 de setembro de 1970 e 02 de maio de 1971.

A Sociedade de Turismo e Diversão de Timor e as máquinas de diversão também se fazem no Timor-Leste tendo em vista a ligação com Macau. Em matéria publicada no dia 13 de julho de 1969, explica-se que a Sociedade de Turismo e Diversão do Timor é um prolongamento português da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau.

No dia 29 de setembro de 1968, a Sociedade de Turismo e Diversão de Timor fecha contrato com o governo do Timor para exploração das máquinas de diversão, que são as *Blotmachines (Jack Pot-Slot Machines)*, *Fruit*, *Pokermachine* e outros divertimentos como máquinas de moedas, tais como Jogos de Corridas de Cavalo, Keno e *Black Jack*. Essas máquinas só podiam ser instaladas em hotéis, motéis, pousadas, hospedagens e estabelecimentos congêneres, desde que, em cada caso, fosse previamente autorizada pelo governo da província. Percebe-se a ligação do turismo de massa e diversão e o contexto cosmopolita na qual a estruturação do turismo se dava: em diálogo com outras partes do império colonial português.

Atrativos turísticos

Reportagem do dia 21 de março de 1971 traz alguns atrativos turísticos:

Alguns apontamentos sobre Timor

Atrativos turísticos

Timor dispõe de três grandes atrativos turísticos: a pesca abundante, numa costa recortada por lindas praias onde vêm morrer as encostas de vegetação luxuriante e onde se desenvolve o mangal; a caça ao veado, búfalo e porco bravo, e, sobretudo, a sua majestosa beleza paisagística.

Ao longo de todo o território, sucedem-se florestas compactas, perfumadas de sândalo, formosas cascatas e imponentes picos e desfiladeiros.

É em Timor que fica situada a última fronteira do turismo português que, embora disperso por vários continentes, possui uma característica comum: a harmoniosa presença de civilizações diferentes. (...)

Observa-se que são três atrativos turísticos destacados: pesca, a caça ao veado, búfalo e porco e as belezas naturais. Ressalta-se também a harmonia de povos diferentes. O artesanato com chifre de búfalo é valioso no Timor, matéria do dia 03 de agosto de 1969 e, em matéria do dia 04 de agosto de 1968, a preocupação de se adequar a produção artesanal ao tempo da industrialização se faz presente.

O turismo pode ser um fator que colabora com os artesãos locais e incentiva-os na execução de seus trabalhos. Da mesma forma, o folclore de Timor é estimulado a ser estudado mais seriamente tendo em vista o projeto de desenvolvimento do turismo no país, em reportagem do Jornal de 26 de abril de 1970.

As casas típicas de Los Palos³ também são atrativos turísticos, matéria do dia 27 de setembro de 1970. A preocupação com o fim das lutas de galos aparece em matéria publicada no dia 25 de janeiro de 1974 de J. M. Ramos Horta como uma das últimas diversões dos turistas:

As lutas de galo vão acabar?

De repente, o galódromo municipal de Dili ficou vazio. Os aficionados das populares lutas de galo parece que entraram em greve, em sinal de protesto contra os recentes aumentos de impostos anunciados pela Câmara Municipal de Dili.

Com efeito, desde há cerca de mês que os habitantes espectadores e jogadores abandonaram o galódromo de Dili que, nas tardes de fim de semana, principalmente aos domingos, registrava grandes enchentes de entusiastas desse jogo tão tradicional que vem de muitas dezenas de gerações.

Também os turistas que, às deveras, sorriam ao Mercado Municipal de Dili para assistir e não raras vezes, tomar parte no espetáculo, fazendo as suas apostas, perderam já o único divertimento tradicional de Dili.

E tudo isto por quê? A Câmara Municipal de Dili decidiu aumentar as taxas sobre as lutas de galo. De 30 passou para 50 escudos por cada partida. Essa importância é paga pelo proprietário do galo vencedor. Os preços das entradas passaram de um escudo para dois e de três para seis escudos, para peões e bancadas, respectivamente.

Vem muito a propósito acrescentar que a CMD arrecadava, anualmente, uma média de 120 mil escudos das lutas de galo.

Se pretendia a Câmara Municipal aumentar as suas receitas para o dobro, parece-me que lhe saiu o tiro pela culatra... Nem o chavo vai agora receber.

À parte tudo isso, há a considerar outros aspectos da questão de maior importância que as receitas ou déficits da CMD.



A luta de galos é uma forma de jogo tradicional que, como disse, data desde os primórdios do povoamento de Timor pela miscelânea das raças oriundas da Ásia meridional. Aliás, não é apenas praticado em Timor. Em quase toda a Ásia (Indonésia, Tailândia, Singapura, China, etc) e América Latina a luta de galos é muito popular.

É um hábito que faz parte da própria cultura e personalidade dos timorenses que é sempre retratado com um galo debaixo do braço.

Há quem diga que a luta de galos deve única e simplesmente ser abolida por se tratar de um espetáculo sangrento, selvagem.

Pergunto, então, aos que assim pensam, se não serão mais sangrentos e selvagens as touradas em que se põe, frente a frente, um homem, ser inteligente, e um touro, ser irracional? O toureiro incita a besta com uma peça de pano de cor vermelho, dribla-o, enfiando-lhe depois a bandarilha nos costados, corta-lhe o rabo e as orelhas para recordação liquida-o e fa-lo arrastar pelo cavalo a volta da arena, enquanto uma multidão grita histericamente, aplaudindo o herói que conseguiu vencer a besta. Não serão mais selvagens, as lutas de baixo em que dois homens se batem encarniçadamente, originando, em números casos, a morte ou defeitos físicos e mentais? E, paradoxalmente, chama-se ao boxe a nobre arte.

Será justo, então, tentar acabar com a luta de galos, impondo pesados impostos?

J. M. Ramos Horta

O articulista chama atenção para o costume leste-timorense das lutas de galo e narra que a Câmara Municipal de Dili aumentou os preços da entrada e das taxas sobre as lutas de galo. Era uma forma da política do governo colonial ter sob o seu controle a cultura leste-timorense e por isso o governo tentava regulamentar a luta de galos no país.

Por um lado, as mulheres leste-timorenses eram retratadas em trajes típicos em uma condição de agradar o turistas. Por outro lado, as lutas de galos, muito comum entre os homens, eram controladas pelo governo. Há aqui uma certa promoção do turismo e o governo da cultura, ou seja, políticas de governo que controlam a “cultura” local⁴.

Propaganda turística: como fazer?

Em 24 de novembro de 1969, havia uma preocupação com a propaganda enganosa do turismo para o Timor-Leste na Austrália e a idéia defendida era a da propaganda ser divulgada de boca a boca. A receptividade com que os turistas eram recebidos no Dia do Turista configurava em um esforço de divulgar o país. Entretanto, era preciso fazer mais. H. Delgado, em 26 de julho de 1970, menciona a falta de propaganda turística no país.

Encontrava-se no caderno informações do *Jornal A Voz de Timor* pedidos para os turistas que visitaram o país colaborarem com informações. No dia 07 de março de 1971, foi possível encontrar:

⁴ Ver Foucault (2011).

Escreva para a Secção de Informação e Cultura do Centro de Informação e Turismo de Timor e exponha com sinceridade suas críticas e sugestões.

Preocupação em tornar o país visitado também será vista no capítulo 4, no qual analisarei a campanha *Do Something for East Timor Now!*. Tal campanha é realizada por organização não governamental da Austrália e tem como um dos seus objetivos atrair voluntários e outras organizações não governamentais em prol do desenvolvimento do Timor-Leste.

O cinema também funcionava como meio de propaganda do turismo no Timor. A ligação do turismo com o cinema em Timor é constante com o CIT (Centro de Informação do Turismo), que promoveu cinema itinerante no país. Matéria publicada no dia 22 de novembro de 1970 aborda o documentário *Timor, Apontamentos Turísticos*, dos cineastas Miguel Spiguel e Aquilino Mendes.

Discurso do Sr. Governador no Conselho Legislativo

No discurso proferido pelo Sr. Governador na sessão de abertura do Conselho Legislativo, publicado no dia 25 de maio de 1969, o número de estrangeiros que entraram no país em 1967 era de 1.275 e em 1968 foi de 1723. Foi considerado um aumento no fluxo turístico, entretanto, não na dimensão esperada. Por outro lado, o Governador lamenta que, salvo as instalações hoteleiras em Dili e Baucau, as infra-estruturas turísticas deixavam muito a desejar.

O discurso do Sr. Governador sugere que o turismo no país ainda tinha muito a se desenvolver. Em coluna de Inácio de Moura no Jornal do dia 12 de abril de 1970, o articulista mostrou a crítica que lhe ocorreu quando se candidatou ao cargo no CIT:

O malai José Mai-lo Turismo

Em tempos idos e não muito distantes, não sei porque artes mágicas ou diabólicas, ocorreu-me a oscilante idéia de concorrer a um lugar vago no Centro de Informação e Turismo de Timor.

Mal se espalhou a notícia de minha candidatura ao referido lugar, logo <o malai> José se apressou a telefonar-me, dando-me a conhecer o seu profundo descontentamento. Dizia-me ele: Como é que o senhor... (indicou a minha profissão atual), dono de um emprego tão bonito e de respeito como o seu, quer trocar a certeza de um presente tão promissor pelas incertezas de um futuro... sem reforma e outras coisas mais!... Olhe que eu ouvi dizer que o Turismo vai muito mal. Poucos turistas vão lá: até porque os turistas que eu tenho visto são uns *moinantes* e não têm categoria e nem dinheiro para lá entrar... E depois como é que hei-de ir visitá-lo, se nem sequer uma gravata tenho?! Mas deixe lá que se o senhor for pra esse lugar eu sempre hei-de arranjar uma gravata emprestada e uma nota de trinta para ir tomar uma cerveja...

.... A muito custo, buscando e rebuscando termos de fácil digestão no meu dicionário popular, tentei explicar ao <malai> José que o lugar para o qual eu havia metido a <papelada> ficava muito distante daquele que gravitava em sua mente. Fiz-lhe notar que o Centro de Informação e Turismo é um organismo oficial como qualquer outro, com direitos e deveres semelhantes a qualquer Repartição de Serviço Público. O malai <José>, porém, fez ouvidos de mercador e não quis (ou não pôde!) perceber o conteúdo das minhas persistentes e demoradas explicações. Por último, verificando que eu mantinha o mesmo interesse em ir trabalhar para o Centro de Informação e Turismo, voltou-se para mim um desconsolador desabafo, dizendo: “Que Deus lhe dê muita sorte com os turistas e que se não venha a arrepender desse grande pecado que teima em cometer!” Felizmente que, por razões por muito diferentes, vim a desistir do referido concurso. De contrário, como haveria eu de suportar as eternas censuras que o <malai> José me atiraria sempre que topasse um turista esfarrapado?
Inácio de Moura

Embora havia um esforço por parte do governo colonial em desenvolver o turismo no Timor-Leste tal como marcado no discurso do governador, na recepção aos turistas no Dia do Turista, na ênfase nas propagandas turísticas, a maneira como José Mai-lo se referiu ao turismo no país oferece indícios de que o setor estava longe do retorno esperado.

São os hippies que viajam à Timor

Parece que os turistas que visitavam o país eram os hippies. Menção a eles e sua filosofia de vida foi encontrada em duas reportagens. No dia 23 de agosto de 1970, o texto de Cristovao Santos sugere:

Os meus amigos de Beach House

Chegam em grupo. Geralmente em pares. Vivem de uma maneira bizarra. A sua alimentação é a base de truta. Actualmente Timor é ponto de passagem obrigatório. Ir da Austrália para Singapura passando por Timor e pela Indonésia ... mais barata do que fazer a viagem directa. São menos 100 dólares. E 100 dólares é muito na sua vida. Eles são jovens viajantes. Não querem de maneira nenhuma que lhes chamamos hippies. Em Dili vivem na Beach House. (...)

Não digo hippies nem tampouco turistas. São, antes de mais, uma juventude amiga do homem. Rapazes e raparigas que tentam ver o mundo e os outros com novos olhos, sem preconceitos nem hierarquias. São jovens simpáticos e que evitam fazer mal aos outros. (...)

Se agora que eles se consideram-se livres e por isso andam como lhes apetece. O que neles interessa, acima de tudo, é o seu estado de espírito. A nacionalidade, a idade, a riqueza ou a aparência não tem nada que ver com o seu procedimento. Interessa-lhes simplesmente fazer aquilo que lhes dê prazer, quando e onde quer que seja, sem se preocuparem se estão ou não a ser censurados com a condição essencial de não prejudicarem terceiros.

Depois do pequeno almoço que já descrevi, muitos deles vão para o bazar. Por poucos escudos podem comprar fruta tropical que na Austrália valeria alguns dólares. Estas coisas, tais como os preços no bazar, tornam Dili um lugar barato para eles e, ao fim e ao cabo, não gastam mais do que 15 ou 20 escudos por dia.

Já que estamos a falar de dinheiro, de vez em quando também oiço as pessoas chamarem-lhe vadios, por não trabalharem. Na realidade eles só trabalham quando precisam obter algum dinheiro para comerem e prosseguirem viagem. No entanto, não se consideram preguiçosos nem vadios. Andam no mundo para compreender os outros. Gostam de toda a gente. São felizes. Trabalham para viver, mas não vivem para trabalhar.

Fazem parte de uma juventude que constrói para o mesmo fim e que une as suas forças para ir mais longe e melhor. Procuram a verdade. (...)

O articulista entende que esse perfil de viajantes não podia ser chamado de hippies nem de turistas. Referiu-se ao grupo como pessoas desapegadas e sem preconceitos e Timor-Leste estava no meio da rota de viagem desses grupos, que iam e voltavam da Europa.

Contemporaneamente, há indícios de que as pessoas que viajam a Timor-Leste se sentem mais confortáveis em se autodenominar viajantes e não turistas, conforme análise no Capítulo 4. Os mochileiros aparecem como uma característica diferenciadora do perfil dos turistas ao país. A campanha *Do Something for East Timor Now* parece fomentar a ida de pessoas ao país comprometidas com causas sociais e com uma característica similar aos “hippies” descrito por Cristovão Santos: fazem o que lhe dão prazer e o trabalho voluntário em prol dos outros consiste em uma oportunidade nesse sentido.

Já o texto de Inácio de Moura, publicado no dia 12 de outubro de 1973, considera-os hippies, que, embora não esbaldem em compras, os donos dos restaurantes gostam deles porque sempre deixam algumas moedas em seus estabelecimentos.

Servir o turista: eis a questão

Em reportagem de 04 de abril de 1973, as precárias condições do turismo em Timor-Leste fomentavam preocupações com o futuro do setor, que tentava angariar apoios do setor privado. Outra preocupação se faz com o treinamento dos jovens leste-timorenses para trabalharem no setor:

(...)

Há pois que acelerar a formação dos jovens. No sector do turismo, serão necessários muitos jovens habilitados para exercerem atividades ligadas à hotelaria. Serão necessários guias-intérpretes, recepcionistas, mestres de culinária, empregados de mesa, etc.

Há pois que dar a devida atenção a esse sector. Deve desde já pensar-se na formação de indivíduos em número razoável para a indústria do turismo que será uma grande fonte de emprego para Timor.

E o Centro de Informação e Turismo terá que ser revitalizado, reestruturado de base para poder fomentar, incentivar, controlar e fiscalizar a actividade turística.

(...)

Enquanto o turismo de Timor-Leste se esforçava para atrair turistas e empresários do setor, Portugal estava com um fluxo turístico de 4 milhões de turistas em 1972 para o país conforme reportagem do dia 13 de abril de 1973. E os portugueses estavam maravilhados com o desenvolvimento do setor em seu país.

Entretanto, para Timor atrair turistas uma vez que o setor turístico é um ramo de serviços, faz-se necessário o bom atendimento aos turistas. De acordo com matéria do Jornal do dia 16 de janeiro de 1972, o articulista Zé Povo se mostrou preocupado com um certo manejo da população local para bem servir o turista:

Turismo de estacionalidade

Tenho para mim e com uma convicção que vai da Terra ao Céu, que não existe na nossa província este problema – o do turismo de estacionalidade – que tanto está preocupando e revolvendo simpósios, em vários países do continente europeu.

Há, sem dúvida, nos dois primeiros meses de cada ano, um pequeno afrouxamento do afluxo turístico que nos chega da Austrália. Mas isso é pouca coisa ou quase nada e até poderia ser eliminada de pronto dum ano para outro, muito mais facilmente, portanto, que a monocultura, se fizéssemos um pequeno esforço de informação para atrairmos, nesse entretanto, certas correntes turísticas especiais do Japão que se ramificam nos territórios da Oceania com charneira em Macau e Hong Kong.

Para tanto precisávamos, como pãozinho para a boca, de promover e encetar, sem hesitações, viagens de incentivo, pelo mar e pelo ar, metendo-nos de cabeça na vasta organização internacional das agências da especialidade, sempre lançadas à descoberta de novos campos de acção. Seria, tão certo como eu chamar-me Zé, um investimento reproduzido, a curto prazo, que nos poderia desvencilhar desse diabólico círculo vicioso em que se vem debatendo o desenvolvimento agropecuário, desenvolvimento que, pelo andar da carruagem, só alcançaremos lá para as calendas gregas ou quando as galinhas tiverem dentes se o capital do turismo não lhe der um generalizado safanão à guisa de um tremor de terra.

Não nos interessa – tire-se daí a ideia e calque-se a pés juntos a ilusão – captar o turismo do luzo. Não temos para isso, nem teremos tão depressa, parque hoteleiro adequado nem pessoal adestrado, capaz de servir convenientemente uma tal modalidade de turismo, tão exigente, tanto que, não se demite de puxar bruscamente pelo bico de uma toalha, que esteja mais ou menos encardida, e espetar com todos os utensílios numa mesa posta no chão ou ainda mesmo de pregar um quinau, com botas de verniz, na bossa do medo, a um criado que o sirva pela direita em vez de pela esquerda e que, por descuido, lhe entorne uma pinguinha de caldo nas abas do paletó ou no peito da camisa.

Turistas de média condição social é que nos interessa. O resto são histórias da carochinha ou sonhar alto.

Mas não. Com o orçamento do Fundo do Turismo e Publicidade para o ano económico de 1972 não vamos lá. Não senhores – isso sim, é o vais!

Zé Povo

Em outra reportagem, a falta de bons costumes é marcada em matéria do dia 09 de setembro de 1973 de Silva Pontes:

Turismo e Anti-turismo

Ou a estranha atitude de um empregado de mesa

Nem sempre as coisas correm bem. Bem os sabemos mas, por vezes, ainda as complicamos mais. Já tivemos oportunidades de ouvir lamentos no concernente à indústria hoteleira. Está tudo caro e cada vez mais, nem sempre as pode servir o cliente – o freguês – como gostaríamos. Enfim... uma série de dificuldades. Então, alguma coisa tem de se fazer para assegurar a clientela. Usam-se, pois, jogadas – chamadas chamariz – procurando bem servir o cliente com material dinâmico e mais ou menos entendido no ofício, digamos aptos. Diz aptos é que residem o busílis, pois poucos são aqueles que têm cabais conhecimentos de hotelaria e mesmo civismo. Aliás até seria bom que se promovesse cursos ou coisas que o valha para ministrar certos conhecimentos necessários de hotelaria. Mas se fôssemos a falar disso teríamos tema para correr muita tinta. Assim, limitar-nos-emos a falar, sucintamente, dos empregados, ou ditos empregados, com quem lidamos, se não diariamente, pelo menos de vez em quando.

Ainda não há muitos dias que um desses empregados dinamizados, com todo o seu charme, nos deixou boquiabertos a uma cena estilo <far West>. Entramos num mini-restaurante, sentamo-nos à mesa, estávamos rodeados de pessoas, esperávamos que o empregado – Ah! Desculpe-nos que o sr. Empregado – nos viesse atender. Ao fim de dez minutos ele apareceu a completar as mesas com os respectivos talheres. Logo lhe pedimos uma cerveja (o calor aperta), mas usamos de boas maneiras e que o digam alguns dos que estavam presentes. Mas, vamos ao discurso:

_ Sr. F... traga-me uma cerveja.

Como o empregado nada dissesse presumimos que não tivesse ouvido. Voltamos a chama-lo, insistentemente, até que ouvimos a sua voz fanfarrona. Finalmente ouvimo-lo:

_ Só sirvo a partir das seis e meia.

Naquele momento, eram seis e dez.

Logo retorquimos:

_ Então dizia e não fazia ouvidos de mercador. Aliás não venho aqui para o servir mas sim para ser servido.

_ Aqui só cá vem quem quer _ respondeu-nos _ e cala-te se não comes uma cabeçada.

Atitudes dessas que acabamos de relatar certamente que não contribuem para confirmar a boa maneira de ser e a hospitalidade portuguesa. Ou os tratamentos cordiais e servilismos só se dispensam aos turistas mesmo os de pés descalços?

Silva Pontes

O esforço do governo colonial em atrair turistas estrangeiros se esbarrou com o que alguns consideram os maus costumes leste-timorenses, contrários aos bons costumes portugueses, o que impede o desenvolvimento do turismo no Timor-Leste. Entretanto, a maneira como os portugueses, tanto o Zé Povo quanto Silva Pontes, retratam os leste-timorenses mostra como seria necessário “adestrar” a população local. Por outro lado, a resposta do garçom para Silva Pontes reflete que não seria um “adestramento” fácil, haveria resistência por parte dos locais.

Esse manejo pode estar subsumido em práticas pedagógicas de interação com a comunidade local para o controle da cultura com a finalidade de promoção do turismo no país.

Capítulo 3

Governo pós-colonial e a promoção do turismo no Timor-Leste

Este capítulo lança um olhar para as táticas utilizadas pelo governo do Timor-Leste independente com relação a certas práticas locais a fim de fazer do país um lugar sedutor para consumo turístico internacional tendo em vista a apresentação do país nas feiras internacionais e o planejamento turístico do país no Plano Estratégico de Desenvolvimento do Timor-Leste 2011-2030 (PED).

Governantes e técnicos leste-timorenses participam de eventos internacionais de promoção de seu país. Muitos desses eventos são feiras internacionais de turismo. O presente capítulo enfatiza o modo como o governo apresenta o país nessas feiras, com ênfase nos modos pelos quais certas práticas locais são construídas.

O Plano Estratégico de Desenvolvimento do Timor-Leste 2011-2030 (PED) consiste no planejamento de diversos setores para o desenvolvimento do país. Há três pilares fundamentais de desenvolvimento: capital social, desenvolvimento de infra-estruturas e desenvolvimento econômico. Pressupõe-se que o turismo colabora para o desenvolvimento econômico. Nesse sentido, enfatizo também como o governo planeja o turismo para o país, com destaque para a maneira como certas práticas locais são construídas no PED.

Tanto as feiras internacionais quanto o PED são oportunidades de o governo retratar o país. Assim, a maneira de apresentação de um país incita uma representação que pode, aos poucos, ir fazendo parte do imaginário da nação leste-timorense. Por outro lado, cabe ressaltar que a participação do país nessas feiras se faz como membro da cooperação internacional - Organização Mundial do Turismo (UNWTO) e membro da Pacific Asia Travel Association (PATA)⁵.

Nesse horizonte de análise do campo do turismo em Timor-Leste e tendo em vista o manejo da cultura local pelos governantes do país, este capítulo tem como objetivos identificar: as feiras internacionais cujos estandes constroem idéias tanto da cultura local quanto do meio ambiente do país, os investidores estrangeiros que apoiam o turismo no país e os projetos do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Timor-Leste 2011-2030 para o crescimento do turismo no país.

⁵ Discurso do Ministro Gil Alves na VI Reunião Ministerial do Turismo da CPLP. Disponível no site: http://www.mtci-timorleste.com/pt/discurso/100539/reuniao_ministerial_do_turismo_da_cplp

A metodologia se baseou em pesquisa bibliográfica, análise do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Timor-Leste 2011-2030 e levantamento de dados nas páginas eletrônicas do Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste.

As políticas públicas de incentivo ao turismo estão inseridas no turismo cultural e histórico e ecoturismo⁶ (turismo ecológico e marítimo, turismo de aventura e desporto), turismo religioso e de peregrinação, turismo de conferências e convenções assim como nas divisões do país em três zonas turísticas: oriental, central e ocidental.

O desenvolvimento sustentável aparece como impulsionador das políticas públicas de governo e pode mobilizar discursos a respeito da cultura local que vão aos poucos fazendo parte do imaginário do país e podem ser capazes de moldar subjetividades.

As políticas de turismo podem estar subsumidas na dimensão de moldar subjetividades uma vez que, como aparecerá no desenvolvimento do capítulo, a cultura local é apresentada tendo em vista a nuance latino asiática por causa da colonização portuguesa, a harmoniosa relação da cultura e natureza assim como o orgulho pela história de resistência àqueles que ocuparam o país são importantes características a ser apresentadas.

Dessa forma, tanto a história da colonização portuguesa assim como a relação harmônica do homem e da natureza como também a imagem de população bravia que conquistou a independência são potenciais impactos que podem fazer parte do imaginário do país bem como podem configurar ensejos de moldar subjetividades leste-timorenses.

Estandes das feiras internacionais

Na feira internacional da Alemanha - *Internationale Tourismusbörse (ITB)*⁷, Timor-Leste é apresentado como possibilidade de novo destino no mercado europeu. Já na feira internacional que ocorreu em Lisboa - *Feira Internacional do Turismo em Lisboa (BTL)*⁸, o objetivo da feira foi promover o turismo nos países que falam a língua portuguesa. Na exposição na Austrália - *Melbourne Expo*⁹, a ênfase foi o ecoturismo, no qual o estande de

⁶O programa de certificação do ecoturismo mais conhecido é o Green Globe, logotipo do Conselho Mundial de Viagens e Comércio (WTTC). No entanto, o direito de usar esse logotipo pode ser obtido com uma simples declaração de intenções para planejar o ambiente tendo em vista melhores estratégias. Só mais recentemente tentativas têm sido feitas de usar indicadores rigorosos para avaliar as práticas reais, tais como o Programa de EcoCertification na Austrália, conforme Bauer (2008).

⁷ Disponível no site: http://www.mtci-timorleste.com/en/tourism/1203123/mtci_participated_in_itb_berlin_german

⁸ Disponível no site: <http://mtcitimorleste.blogspot.com.br/2011/03/participacao-timor-leste-ih-feira.html>

⁹ Disponível no site: http://www.mtci-timorleste.com/en/tourism/1203122/timor-lestes_booth_awarded_2nd_place_for_best_stand_in_melbourne_expo

Timor-Leste ganhou o segundo lugar na categoria de melhor estande de Viagem de Aventura e Exposição de Mochileiros.

Em cada feira que o país participa há um interesse específico de promoção do país. Nesse sentido, a construção da cultura local faz parte de um planejamento próprio para cada estande de promoção do país, particular para cada feira e seus contextos. Em contrapartida, esses discursos apresentam o país com sua população e meio ambiente de modo a promover, subliminarmente, a identidade de um país.

Em outra feira internacional, a *AsiaDive Expo*¹⁰, o estande do turismo no Timor-Leste propagou a abundante vida marinha e recifes para promover o mergulho no país. Na exposição mundial 2010 Shangai-China, o destaque foi na harmonia da cultura e da natureza conforme RDTL (2011-2030)¹¹:

Com a ajuda de iluminação, exibimos a paisagem natural do nosso país e imagens do nosso povo a trabalhar e a divertir-se, mostrando uma coexistência harmoniosa entre humanidade e natureza (RDTL 2011-2030, p. 154).

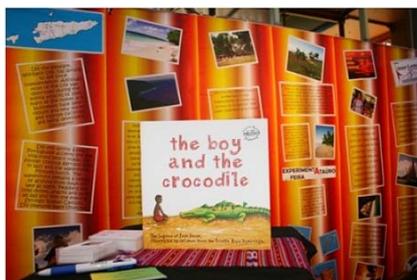
A relação do homem com a natureza está marcada na lenda¹² do menino e o crocodilo cujo estande ganhou segundo lugar na categoria de Viagem de Aventura e Exposição de Mochileiros. Conta a lenda que foi a partir dessa relação que nasceu a ilha do Timor:

¹⁰ Disponível no site: http://www.mtci-timorleste.com/pt/turismo/100658/promoção_conjunto_da_expo_de_mergulho_da_asia_adex_2010_em_singapura



¹¹

¹² Disponível no site: http://www.mtci-timorleste.com/en/tourism/1203122/timor-lestes_booth_awarded_2nd_place_for_best_stand_in_melbourne_expo
<http://www.bigviagem.com/timor-leste-turismo/>



A antiga lenda narra que certo dia um menino viu um crocodilo tentando atravessar uma faixa de água razoavelmente extensa, como se via em dificuldades, o menino decidiu ajudá-lo a atravessar. O menino carregou então em seus braços o crocodilo até a outra margem das águas. O crocodilo tornou-se muito grato e disse ao menino que todas as vezes que ele estivesse perto do rio ou do mar, que chamasse pelo crocodilo que este apareceria para ajudá-lo. Depois de um tempo, o menino lembrou-se da promessa do crocodilo e decidiu ir procurá-lo, chegou à beira mar e gritou pelo crocodilo três vezes. Quando o crocodilo apareceu, o menino sentou em suas costas e durante muitos anos o menino conheceu muitas terras acompanhado pelo crocodilo. Embora o crocodilo fosse grato ao menino, ele sentia uma vontade irresistível de comê-lo. Como isso incomodava muito o crocodilo, ele decidiu perguntar para outros animais o que eles achavam sobre isso. Todos responderam que ele jamais poderia comer o menino porque um dia o menino foi bom com ele, os animais diziam que ele deveria ser eternamente grato ao menino. O crocodilo então desistiu desta idéia e durante muitos anos viveram lado a lado, o menino e o crocodilo a viajar pelo mundo. Quando o crocodilo sentiu que já estava muito velho e que iria morrer, disse ao menino: – ‘Em breve eu morrerei e já não mais estarei ao seu lado. Entretanto sobre mim se formará uma linda terra para você e todos os seus descendentes. Então o crocodilo morreu e tornou-se a Ilha de Timor que tem um formato muito parecido com um crocodilo. O rapaz teve muitos filhos e daí nasceu a nação Timorense, um povo bom, amigo simpático e com senso de justiça; e que chamam o crocodilo de avô.

Com a eterna proteção do crocodilo, os timorenses possuem um ritual ao cruzar o mar ou um rio ao gritar: “Crocodilo, não me coma! Eu sou seu neto!” Assim, estão abaixo da proteção do avô crocodilo.

A lenda do menino e o crocodilo está subsumida em um passado no qual a interação do homem e da natureza é enfatizada. Estrutura mítica que vira lenda, manejo específico das práticas indígenas. Outro destaque da lenda de criação do Timor-Leste é do nascimento de um povo bom, amigo simpático e com senso de justiça.

O destaque na relação harmoniosa de natureza e cultura exposta no estande da exposição mundial 2010 Shangai-China configura a preocupação dos governantes em apresentar um país com práticas que unem cultura e natureza.

Um marcador de diferença do Timor-Leste vem de o país ter uma nuance latina tendo em vista a colonização portuguesa. A ênfase em um pretense caráter latino de Timor-Leste é um chamariz de destino turístico como o único país asiático¹³ com essa característica. Outra característica ressaltada é o carnaval, evento turístico inspirado no carnaval do Brasil com apoio da embaixada brasileira.

¹³ Entretanto, a presença portuguesa no Oriente não aparece apenas em Timor-Leste. Macau foi colonizado por Portugal por mais de 400 anos e hoje faz parte da República Popular da China. Macau é uma Região Administrativa da República Popular da China desde 20 de Dezembro de 1999.

Visão geral e desafios do turismo no PED do Timor-Leste 2011-2030

Diversidade de segmentos de turismo

O governo do Timor-Leste tem o plano de desenvolver o turismo no país visando diferentes segmentos de turismo, tais como: turismo ecológico e marítimo, turismo histórico e cultural, turismo de aventura e desporto, turismo religioso e de peregrinação, turismo de conferências e convenções.

No que tange ao turismo histórico e cultural, o governo pretende marcar os locais onde se travaram grandes batalhas do movimento de resistência contra os ocupantes. Os lugares a serem visitados serão:

Soiabada (Manatuto): lugar aonde as bases para uma resistência organizada foram estabelecidas em maio de 1976 no seguimento da invasão de Indonésia a Timor-Leste, em Dezembro de 1975;

Monte Matebian no leste do país: lugar aonde 140.000 civis foram cercados e bombardeados por forças ocupantes em Novembro de 1978;

Laline/Lakluta (Viqueque): lugar aonde aconteceu a 1 Conferência Nacional para a reorganização da luta, em Março de 1981, na qual foi adotada uma nova estratégia para a resistência;

Lari-Gutu (Viqueque): local das primeiras negociações relativas a cessar-fogo entre o comandante dos militares indonésios e a resistência de Timor-Leste a 20 de Março de 1983. (RDTL 2011-2030, p. 147)

O Palácio do Governo em Díli, local onde a FRETILIN declarou unilateralmente Timor-Leste como Nação independente em 28 de Novembro de 1975 e o Cemitério de Santa Cruz em Díli, local onde pelo menos 250 manifestantes a favor da independência foram massacrados em Novembro de 1991 são considerados pontos turísticos. As práticas indígenas não são apresentadas no âmbito do turismo histórico e cultural. Entretanto, a cultura é apresentada na dimensão do turismo religioso e de peregrinação:

A fé e a religião assumem uma grande importância para o nosso povo. Através de Timor-Leste, a nossa cultura e crença são reforçadas pelo Lulik (sagrado), a fé animista segundo a qual se adoram os espíritos dos mortos. Estes espíritos estão presentes na nossa paisagem, rochedos, animais, ribeiras e objectos dotados de poder espiritual. A mostra dos nossos locais e objectos Lulik e o ensinamento das nossas crenças e legado Lulik permitirão aos visitantes entender melhor a nossa terra e as nossas gentes.

A importância da religião em Timor-Leste fica evidente para os visitantes que chegam a Díli pela primeira vez. A estátua de 25 metros de altura do Cristo Rei¹⁴ em cima de um globo contempla a cidade e as nossas belas praias e colinas,

¹⁴ Uma curiosidade a respeito da estátua de Cristo Rei: foi o governo da Indonésia que deu de presente ao povo

lembrando aos visitantes da estátua semelhante no Rio de Janeiro, Brasil. Chega-se ao Cristo Rei subindo mais de 500 degraus, passando pelas Estações da Cruz e proporcionando aos visitantes vistas esplêndidas a partir da sombra da estátua de Jesus Cristo.

Iremos igualmente desenvolver turismo centrado em torno de peregrinações religiosas. Um dos nossos locais mais importantes é Soibada, junto da colina Aitara, onde se encontra um enorme gondeiro. Junto a essa árvore situa-se um santuário dedicado a Nossa Senhora de Aitara, onde há muitos anos a Virgem Maria teria aparecido a várias mulheres. Para assinalar esta aparição foram construídos um santuário, igreja e convento junto do local há mais de 100 anos. O local da igreja e santuário encontra-se numa colina íngreme rodeada por densa vegetação e onde se chega subindo um conjunto de escadas impressionante. O Santuário de Nossa Senhora de Aitara será promovido como destino turístico internacional de peregrinação.

Outro local para peregrinação é o topo do Monte Ramelau, onde se situa uma estátua da Virgem Maria visitada por muitas pessoas que percorrem grandes distâncias para mostrar a sua fé e devoção a Deus num local de beleza natural espantosa. (RDTL 2011-2030, p. 148)

A valorização do sagrado, desde a época do culto aos ancestrais subsumidos nas crenças Lulik até a fé herdada da colonização portuguesa são destacadas como lugares importantes para o turista conhecer. A “cultura” leste timorense aparece no âmbito do turismo religioso.

No que tange ao ecoturismo (turismo ecológico e marítimo e turismo de aventura e desporto), uma das estratégias adotadas pelo governo para promoção do turismo é a criação de eventos turísticos, e esses eventos enfatizam a relação do turismo, esporte, meio ambiente e a comunidade local.

Essa relação é salientada em vários eventos turísticos, tais como: maratona de Dili¹⁵ (ocorre em junho e atrai maratonistas locais e internacionais); Rally Velejar Timor-Leste (acontece em julho e é um encontro de iates); Tour de Timor (em setembro e atrai ciclistas internacionais e locais); Com Fishing Festival (em novembro e é um evento de pesca).

timorense a estátua de Cristo Rei projetada por Mochamad Syailillah, inaugurada por Suharto em 1996.



15

A maratona de Dili e o Tour de Timor são eventos turísticos que atraem atletas tanto do próprio Timor bem como desportistas internacionais. A inserção da comunidade local nesses eventos configura uma possibilidade de o esporte ser um mobilizador de manejo da cultura local.

Assim como chama atenção também para a indústria do ecoturismo, ou seja, incentiva empreendedores do ramo a investirem no país tendo em vista a lucratividade desse setor na Oceania e configura alternativas de emprego para a população local.

O projeto de envolver a comunidade local com os turistas pode ser observado na maneira como o governo planeja o relacionamento desta com os turistas:

As comunidades locais também recebem apoio para oferecer serviços a visitantes, incluindo alojamento, serviços de guia e preparação de alimentos. Para aumentar o seu perfil, as comunidades serão ajudadas com novas opções de tecnologias de informação e acesso à internet, ligando viajantes a empresas e atrações locais.(RDTL 2011-2030, p. 148)

Dessa forma, o projeto do governo insere a comunidade local nos serviços oferecidos aos turistas como alojamentos, serviços de guia e alimentação. É importante que a população esteja disposta a interagir com os turistas e recebê-los. Ressalto que o governo pós-colonial retrata a comunidade como se houvesse um consentimento ativo por parte dela.

Além do mais, no que tange ao manejo do meio ambiente para fins turísticos, os governantes se apropriam da abundante vida marinha da região e de seus recifes e corais para convidar os turistas a praticar o mergulho no país assim como atrair os empresários do setor.

Foi o que ocorreu com a promoção do concurso de fotos submarinas para promover o turismo no país. Na ocasião, o governo convidou fotógrafos e mergulhadores do mundo todo a participar do primeiro concurso de fotografia submarina do país¹⁶.

O governo também pretende improvisar a capacidade de o país receber conferências e convenções internacionais ao desenvolver o turismo de conferências e convenções.

Zonas turísticas

Outro projeto do governo é dividir o Timor-leste em três zonas turísticas: oriental, central e ocidental. No que tange à zona turística oriental, ela irá de Tutuala até Com e Baucau e ao longo da estrada costeira até Hera. Essa zona turística se destacará pelas praias

¹⁶ Disponível no site: <http://viagem.uol.com.br/ultnot/bbc/2010/11/01/timor-leste-promove-concurso-de-fotos-submarinas-para-promover-turismo.jhtm>

tropicais cristalinas e cenário montanhoso. Serão oferecidos caminhadas de aventura, visitas à arquitetura portuguesa e às aldeias.

No projeto, os turistas passarão pela Ilha de Jaco, onde poderão desfrutar das belas praias e vida marinha e Tutuala. A prioridade do governo será a reabilitação da Pousada Tutuala. Da cidade de Tutuala, a zona turística continuará até a cidade de Los Palos. Os turistas poderão conhecer o primeiro Parque Nacional de Timor-Leste, o Nino Konis Santana¹⁷, o qual cobre extensa área de Lautém. No projeto está a instituição de um Centro de Informações Turísticas em Los Palos a fim de prestar assistência aos turistas que queiram visitar o Parque e organizar alojamentos.

A aldeia piscatória próxima de Com também está no projeto turístico como potencial a ser explorado. O projeto consiste em Com se tornar uma aldeia importante que estará no início da rota turística recente e mais significativa de Timor- Leste: a Grande Estrada da Costa Norte. Este caminho turístico seguirá por Lautém, Baucau e Manatuto até Díli, indo para oeste, através de Tibar e Maubara, e terminando em Balibo. Planeja-se que esta rota costeira tenha sinalização, mapas de qualidade e infra-estruturas turísticas.

Ao longo da Grande Estrada da Costa Norte, desde Com, entre o oceano e campos de arroz, passando pela cidade histórica de Lautém, os turistas chegarão a Baucau, a base turística da Zona Oriental. A partir de Baucau, a Zona Oriental seguirá para Díli, terminando em Hera. A viagem pela Grande Estrada da Costa Norte até Hera passa por aldeias locais, arrozais e paisagens com montanhas.

Vê-se como toma-se o turismo como engendrador de melhorias e desenvolvimento em infra-estruturas tais como estradas e pontes, aeroportos, portos marítimos, telecomunicações, eletricidade. O desenvolvimento do turismo no país clama por parcerias com o setor privado e seus investimentos em: hotelaria, restaurantes, ofertas turísticas (mergulho, pesca, passeios de barco, etc), dentre outros.

A preocupação do governo em se voltar para o treinamento dos que trabalham em algum setor voltado ao turismo se faz presente:



17

Outro desafio fundamental prende-se com os recursos humanos limitados, para servir uma indústria de turismo em crescimento. Para dar resposta a esta lacuna, iremos incidir o sector da educação e formação vocacional, no desenvolvimento de qualificações para o sector do turismo. A nossa indústria do turismo e o sector da educação e formação, irão trabalhar em parceria para garantir que os alunos concluam os estudos com as qualificações e os conhecimentos, de que o mercado de trabalho do turismo necessita. Esta educação e formação irão desde a escola secundária até programas de formação vocacional e formação prática. Abrangerão uma gama de áreas, incluindo gestão hoteleira, hotelaria, fornecimento de refeições, restauração e gestão de empresas. (RDTL 2011-2030, p. 148)

O turismo configura um propulsor em investimento na educação, na cultura e no património. Dessa forma, desenvolvimento e melhorias nas infra-estruturas assim como treinamento subsumido em práticas pedagógicas são fomentadas pelo setor, práticas com potenciais de moldar subjetividades e novos desejos e sentidos despertos.

No que tange à zona turística central, Díli, ilha de Ataúro e a região de Maubisse serão os locais que se desenvolverão para atender turistas. Planeja-se tornar Díli uma cidade cosmopolita, que será influenciada por muitas culturas do mundo todo:

Díli crescerá como uma cidade dinâmica e cosmopolita influenciada por muitas das culturas do mundo, ainda que permanecendo um centro de expressão cultural timorense. A indústria da restauração será apoiada de forma a crescer e a oferecer uma gama de experiências culinárias que façam uso dos nossos produtos locais frescos, incluindo peixe e marisco, e das nossas influências asiáticas, portuguesas e africanas. A indústria alimentar será bem regulada para garantir segurança alimentar e a manutenção de padrões internacionais. Díli será posicionada como um local único no Leste Asiático que reflecte a sua herança europeia, sobretudo portuguesa, continuando a ser um centro de orgulho da cultura timorense. (RDTL 2011-2030, p. 151)

Planejam proteger e reabilitar edifícios e monumentos portugueses em Díli, igualmente a história da política e resistência do país, pois serão abertos para visitaçãot turística o Cemitério de Santa Cruz, o Museu da Resistência e o Museu do CAVR (consolida os eventos de 1975 e 1999). E o novo Museu e Centro Cultural de Timor-Leste e uma nova Biblioteca e Arquivo de Timor-Leste serão locais de cultura e patrimônios nacionais. Além de galerias para promover as artes e o artesanato.

A ilha de Ataúro¹⁸ é apresentada como possuindo uma população de 8000 pessoas distribuídas em pequenos povoamentos. A maioria das pessoas vive ao redor da linha costeira, sendo a pesca uma atividade importante. A diversidade da vida marinha incita a prática de mergulho e os turistas podem também:

Ataúro é conhecida pelas suas esculturas em madeira, podendo os visitantes ver (e comprar) estátuas, esculturas, talheres, decorações e barcos miniatura produzidos por artesãos locais em Tua Koin ou nas aldeias. Os visitantes podem também observar, aprender a fazer e comprar artigos de tecelagem únicos de Ataúro, nomeadamente cestos, tapetes e chapéus. (RDTL 2011-2030, p. 152)

Os turistas têm a oportunidade de aprender a fazer os artigos de tecelagens típicos de Ataúro. É uma maneira de inserir o turista nas atividades da Ilha de uma forma participativa. Talvez, haja mais envolvimento deles com a comunidade local de uma forma lúdica e participativa.

Já em Maubisse, que é uma cidade montanhosa, o projeto é de desenvolver o turismo de aventura, que inclui escaladas a pé à montanha mais alta de Timor-Leste, o Monte Ramelau. Governo planeja reabilitar a histórica pousada de Maubisse além de apoiarem alojamentos em casas privadas e pousadas.

No que tange ao projeto para zona turística ocidental, a zona começará:

(...) desde Díli, ao longo da Grande Estrada da Costa Norte, até Balibó, antes de chegar a Maliana e às áreas montanhosas de Bobonaro, e regressar através das plantações de Ermera e chegar a Díli, por Tibar.

A parte ocidental, da Grande Estrada da Costa Norte, oferecerá vários alojamentos do tipo de cabana ecológica e estância, reflectindo o património e a história das comunidades locais. A cidade costeira de Liquiçá irá expor a sua arquitectura encantadora da era portuguesa e constituirá uma viagem perfeita com a duração de um dia a partir de Díli. Continuando pela costa promover-se-á o Forte Holandês de Maubara como centro de arte e artesanatos tradicionais timorenses. O gancho rodoviário subirá então para a cidade histórica de Balibó, com o seu magnífico Forte Português a contemplar o oceano, cruzando Timor-Leste. O Forte Português será restaurado e desenvolvido para oferecer, dentro das paredes do forte, uma experiência de hotel-boutique altamente influenciada pelo património. Será



estabelecido um pequeno museu, dedicado à história local de Balibó, com a casa portuguesa do forte a tornar-se um café e uma base a partir da qual se poderá explorar a história da área.

O gancho rodoviário continuará para Maliana, a qual, à medida que a economia se expande, irá crescer e tornar-se uma base importante de desenvolvimento económico no oeste. O aeroporto de Maliana será capaz de oferecer voos turísticos a PanteMakassar, para explorar a beleza e a história de Oe-CusseAmbeno. As termas de Marobo¹⁹ serão fortemente promovidas. Com as melhorias rodoviárias realizadas, os visitantes poderão viajar de Maliana, através de Ermera na viagem de regresso a Díli. Esta jornada oferecerá vistas montanhosas deslumbrantes, com os turistas a entrarem em áreas de cultivo de café orgânico e a verem, por si, como as comunidades locais produzem café de classe mundial para exportação. (RDTL 2011-2030, p. 152)

Percebe que o planeamento turístico do governo é realizado tendo em vista uma certa padronização das áreas turísticas, não só do Timor-Leste, mas também em outros países tal como o hotel-boutique, a casa portuguesa do forte se transforma em café, museus que trazem a história do local visitado. Padronização que pode ser tema de cursos de gestão²⁰ na área do turismo, por exemplo.

São projetos para que o país possa se tornar um lugar visto, querido e atraente, principalmente, por turistas internacionais. São planos de comercializar o país. Para isso, faz-se necessário relacionamento com outros países:

Em primeira instância, serão estabelecidos relacionamentos mais próximos, a nível de operadores turísticos, com a Austrália, Portugal, Indonésia, China, Malásia e Singapura, antes de se alargarem estes relacionamentos a nível mundial.(RDTL 2011-2030, p. 153)

Percebe que o Brasil não foi mencionado, embora na página da internet do Ministério



¹⁹

²⁰ Disponível no site: http://www.mtcj-timorleste.com/pt/turismo/1104101/quatro_funcionários_da_direcção_nacional_de_turismo_mtcj_frequentaram_o_curso_de_gestão_e_turismo_em_macau_e_em_hainan

do Turismo Comércio e Indústria do Timor-Leste há uma imagem²¹ significativa chamando os leste-timorenses a comemorar, no dia 18 de fevereiro de 2012, no Carnaval, a celebração dos 10 anos de aniversário da Restauração pela Independência do Timor-Leste²². Já mencionei neste capítulo, na análise das feiras internacionais, que há destaque para o carnaval no Timor-Leste com o apoio da embaixada brasileira.

O desenvolvimento sustentável

O turismo ao trazer para o país desenvolvimento econômico fomenta discussões de práticas sustentáveis. Apenas a palavra sustentável apareceu em 33 páginas das 238 páginas do PED Timor-Leste 2011-2030. Já a palavra desenvolvimento apareceu em 198 páginas.

A ênfase no desenvolvimento foi observado no capítulo 2 que trata das análises do Jornal *A Voz de Timor* na época colonial do país. Entretanto, em nenhum momento, apareceu o termo desenvolvimento sustentável nas reportagens vinculadas naquele jornal. Apenas os termos desenvolvimento e desenvolvimento econômico constavam no Jornal.

Já no PED Timor-Leste 2011-2030, desenvolvimento sustentável aparece seis vezes no documento todo e desenvolvimento econômico sustentável duas vezes. Outras junções da palavra sustentável com outro termo foram também encontradas, tais como: economia sustentável, que aparece duas vezes; forma sustentável quatro vezes; modo sustentável uma vez; força eficiente e sustentável uma vez; economia não petrolífera sustentável duas vezes; Rendimento Sustentável Estimado uma vez; crescimento sustentável uma vez; construir nação sustentável uma vez; educação sustentável uma vez; crescimento sustentável duas vezes; crescimento econômico sustentável uma vez; gestão sustentável quatro vezes; infraestrutura sustentável uma vez; acesso à água sustentável duas vezes; acesso à eletricidade

21



²² O dia da Restauração da Independência foi 20 de maio de 2002 e o Governo do Timor-Leste promoveu de 19 a 20 de maio de 2012 comemoração dos 10 anos da Restauração da Independência do país. ²² Disponível no site: <http://timor-leste.gov.tl/?p=6931>

sustentável uma vez; produção agrícola sustentável uma vez; indústria de pesca sustentável uma vez; indústria florestal sustentável duas vezes; estância ecológica sustentável uma vez; paz sustentável uma vez.

A questão da sustentabilidade está no jargão da cooperação internacional, dos discursos transnacionais que o governo do Timor-Leste se apropriou. No que tange ao surgimento do conceito do desenvolvimento sustentável, a ONU, em 1987, instituiu uma missão para se pensar uma agenda global para mudança, que elaborou o relatório Nosso Futuro Comum, documento que foi responsável por levantar as primeiras questões e conceitualizações do desenvolvimento sustentável (Almeida Jr, 2000).

Entretanto, pode ser que o governo leste-timorense não conceba a sustentabilidade de uma maneira similar ao da cooperação internacional. É uma questão que, talvez, precise de outros meios para afirmar como a sustentabilidade é apropriada pelo governo do Timor-Leste ou pela elite leste-timorense.

O que é possível depreender é: para que os projetos turísticos possam ser implementados e haja algum sucesso toma-se como necessária a participação da comunidade nesses ideais planejados. É preciso que haja, além da crença dos governantes leste-timorenses, a convicção da sociedade nesses projetos.

Em um artigo a respeito das estratégias para o crescimento do turismo no Timor-Leste, foi possível observar que a imposição do desenvolvimento sustentável do turismo aparece tendo em vista o medo de uma reação reacionária por parte da comunidade:

Research suggests that a sustainable tourism industry has low economic risk. However, the benefits will not be realised if tourism development is reactionary. East Timorese communities lack tourism experience and the needed business acumen to appropriately respond to tourist demands. Initially, tourism needs to be regulated to control foreign ownership and give time for local capacity building. Community involvement and community-based projects are needed now, especially in rural areas, to enable tourism to be integrated and to grow within East Timor's changing society, culture, environment and economy. (Carter et al, 2001, p. 46)

A ênfase em envolver a comunidade local para o desenvolvimento do turismo é uma preocupação constante dos governantes, por isso faz-se necessário treinar os leste-timorenses para trabalharem no setor. Ao destacar a educação, há um certo controle da comunidade local por parte do governo para o planejamento turístico ser eficiente e eficaz aos olhos dos

planejadores do turismo. O governo da cultura²³ subsumido em um possível controle da cultura haja vista a ênfase em treinamentos para que haja promoção do turismo no país configura em indícios de moldar subjetividades. Por outro lado, há também um certo desenvolvimento das comunidades locais e, conseqüentemente, das pessoas ao participarem dos projetos turísticos no país.

Ao mesmo tempo, a obrigatoriedade de se implementar um turismo sustentável por força das ideologias internacionais, que pautam a construção do Estado em Timor-Leste, impõe o desafio de governo em relação às populações locais de uma forma particular, que implica a construção do consentimento ativo delas para o engajamento nestas práticas de governo.

Projetos sustentáveis implicam uma relação com as populações locais e suas práticas que não pode mais ser realizada nos moldes dos governos coloniais - no governo colonial, a “cultura” local era retratada de uma forma mais explícita, o que não ocorreu nos projetos do governo pós-colonial. Parece que o governo pós-colonial tenta passar nos documentos um maior controle da cultura local com o intuito de promover o turismo no país.

²³ Ver Foucault (2011).

Capítulo 4

Sociedade civil e os projetos turísticos no Timor-Leste

As práticas da sociedade civil serão abordadas neste capítulo com especial atenção ao modo como a cultura local está sendo manejada para fins turísticos pelos seguintes atores: a campanha *Do Something for East Timor Now*²⁴, os projetos da ONG Haburas para o turismo no país, o pacote turístico da agência de viagem *IntrepidTravel* e os blogs de turistas.

Tendo em vista a análise realizada, foi possível observar que certas alianças e compromissos são esperados daqueles que estejam dispostos a viajar para Timor-Leste. Alianças e compromissos a serem realizados com um país bastante pobre. Espera-se que, à proporção que uma consciência de responsabilidade social e ambiental desses turistas surja, uma gama de atitudes pró ativas dos viajantes em relação a Timor-Leste e sua população vá se consolidando.

Neste capítulo, analisarei a campanha *Do Something for East Timor Now*, suas realizações, o público alvo e seus executores. Os pôsters de divulgação da campanha com foco no modo como a cultura local é abordada serão os objetos privilegiados de análise. No que diz respeito à ONG Haburas, identificarei os projetos turísticos em execução no país com ênfase no modo como a cultura local se relaciona com eles.

No que tange ao pacote turístico da agência de viagem *IntrepidTravel*, identificarei como a empresa chama atenção para os atrativos da cultura local e a interação dos habitantes e turistas. No que concerne às narrativas dos blogs de turistas que estão ou já visitaram o país, identificarei quais são os discursos a respeito da cultura local enfatizados e o modo de abordagens acerca da natureza do país.

A diferença entre turista e viajante apareceu como um marcador importante a ser observado na medida em que tanto a campanha *Do Something for East Timor Now*, a agência de viagem e os blogs de turistas a tomam como mobilizador de distinção em relação a práticas de turismo mais convencionais.

Tal diferença será ressaltada tendo em vista as particularidades do turismo no Timor-Leste, o qual está estruturado por apelos a manejos sustentáveis da natureza e de responsabilidades dos viajantes para com o país e sua população. Ser turista ou viajante é

²⁴ Disponível no site: <http://www.easttimornow.com.au/do-something.aspx>

uma indicação de como o tempo disponível no período de lazer está subsumido como parte de um processo de construção social.

Campanha *Do Something for East Timor Now!*

A campanha *Do Something for East Timor Now!* está atrelada a um programa maior denominado *Do Something!* A doação e o voluntariado como uma forma de caridade são indicadores do comportamento desejado dos que se envolvem com o programa. Tanto o tempo doado e a experiência da pessoa são importantes para os projetos desenvolvidos pela campanha.

São várias campanhas inseridas no *Do Something!*: *Ban the Bag*²⁵, campanha para banir os sacos plásticos; *Go Tap*²⁶, favorável ao estabelecimento de bebedouros ao invés de garrafas de plástico ou de vidro; *Foodwise*²⁷, campanha para valorizar uma alimentação mais natural, baseada em verduras, hortaliças e frutas; *Paper-Less Alliance*²⁸, campanha para reduzir o desperdício de papel; *Rock AidArmenia 2009*²⁹, ajuda à República da Armênia tendo em vista o terremoto que ocorreu em 1988 de 7,2 graus na escala Richter.

No que tange à campanha *Do Something for East Timor Now*, a *Ogilvy*³⁰, *Singapore* é a agência de publicidade que desenvolveu a campanha. Seus contribuidores são: *Discover Dili.com.au*³¹, guia turístico da cidade Dili, capital de Timor-Leste. Outro contribuidor é o *Turismo Timor-Leste*³², site que promove hotéis em Dili, hotéis em Bali, hotéis em Singapura e também guia turístico. O *Lonely Planet*³³, guia de viagem com informação de vários destinos no mundo, mundialmente conhecido por aqueles que gostam de viajar sem intermédio das agências de viagens. *Travelotica*³⁴, também guia turístico e *Timorcorp*³⁵.

A campanha *Do Something for East Timor Now* convida organizações para fazerem alianças e se apresentarem como doadores e atuarem no país. As entidades doadoras são: *Alola Foundation* e *East Timor WomenAustralia*, organizações não governamental que trabalham no empoderamento das mulheres. *AustralianRed Cross* e *Oxfam* são entidades que

²⁵ Disponível no site: <http://www.banthebag.com.au>

²⁶ Disponível no site: <http://www.gotap.com.au>

²⁷ Disponível no site: <http://www.foodwise.com.au>

²⁸ Disponível no site: <http://www.paperlessalliance.com>

²⁹ Disponível no site: <http://rockaidarmenia.com/#/content-00-00>

³⁰ Disponível no site: http://www.ogilvy.com/About/Our-History/Ogilvy_Mather.aspx

³¹ Disponível no site: <http://www.discoverdili.com>

³² Disponível no site: <http://www.turismotimorleste.com/en/#>

³³ Disponível no site: <http://www.lonelyplanet.com>

³⁴ Disponível no site: <http://www.travelotica.com/east-timor/>

³⁵ Disponível no site: <http://www.timorcorp.com.au>. Entretanto, estou tendo dificuldade de acessar o site.

trabalham no acesso ao saneamento básico. *ChildFund, Hiam Health, Plan, Variety e World Vision Timor Leste* trabalham com a saúde das crianças, suas famílias e o acesso ao saneamento básico. *East Timor Eye Project*, entidade especializada na área de oftalmologia e *Youth Off The Streets*, organização que ajuda um orfanato em uma pequena cidade e trabalha junto com a igreja local.

As entidades que estão vinculadas à campanha, não como doadoras, mas enviando voluntários ao Timor-Leste são: *AustralianAidInternational*, organização que trabalha com a saúde. *AustralianVolunteersInternational e Australian Business Volunteer e PalmsAustralia* entidades que trabalham com empoderamento das comunidades e troca de habilidades. A AYAD (*The AustralianYouthAmbassadors for Development*) é uma iniciativa da AusAid que apóia jovens australianos que queiram viver e trabalhar na região Ásia/Pacífico. *Vida (Volunteering for International Development from Australia)* faz parte do programa de voluntariado financiado pelo governo australiano por intermédio da AusAid.

Os princípios da política do governo australiano de voluntariado especificam que pelo menos 75% das missões das entidades de voluntariado devem ser diretamente alinhadas com as áreas prioritárias da AusAid em Timor Leste, que são: governança (capacitação do setor público, direito e justiça), capacidade institucional e da sociedade civil, prestação de serviços de saúde e desenvolvimento rural. Os 25% restantes estão alinhados com as áreas prioritárias do governo de Timor Leste, que são: redução da pobreza, promoção do crescimento econômico sustentável e melhoria da educação, saúde e bem-estar da população.

Muitas dessas organizações que estão atrás da campanha *Do Something for East Timor Now* participam do Terceiro Setor, compreendidas pelas instituições sem fins lucrativos de direito público.

O Terceiro Setor atua tal como as instituições religiosas atuaram na época colonial. Embora muitas entidades do Terceiro Setor estejam envolvidas em projetos e programas cujas expertises dos profissionais desempenham um papel significativo dentro desses programas, como o médico, o advogado, por exemplo, ainda é possível encontrar algumas entidades de direito público sem fins lucrativos que atuam com viés cristão. A *Youth Off The Streets*, que trabalha no orfanato da igreja local, é um exemplo. São entidades com viés humanitário.

Análise dos pôsters

Uma das ações da campanha *Do Something for East Timor Now* está embasada nos

pôsters de divulgação do país. Seus organizadores consideram que espalhar a palavra requer uma atitude simples daqueles que desejam: basta realizar o *download* dos pôsters e a palavra passa a ser espalhada. Ou seja, uma vez de posse dos pôsters, a atitude esperada é a divulgação do mesmo na sua comunidade.

Os pôsters divulgados pela *ETN Campanha* chamam atenção do leitor: DO SOMETHING! É um convite para um tipo específico de turismo, já que as pessoas irão trabalhar e agir, ao contrário dos turistas que saem de férias apenas para descansar e desfrutar das horas de lazer³⁶. Além desse chamado, todos pôsters ressaltam que o turismo no Timor-Leste é para viajantes e não turistas. A campanha é ampla e não só o turismo é enfatizado. Fazer algo por Timor-Leste se encontra na dimensão dos investidores, dos grandes comerciantes, dos doadores, dos voluntários.

São cinco pôsters que compreendem a campanha *Do Something for East Timor Now*. O primeiro³⁷ retrata a briga de galo que ainda é prática no país. Considera-se que, embora seja uma nova nação, possui alma de gente velha. O dia 19 de setembro de 1999 é marcado no Timor-Leste como o dia em que as Nações Unidas reconheceram a necessidade de ajuda humanitária e autorizou a força multinacional para restaurar a paz. Foi nesse dia que a INTERFET entrou no país com a missão de promover a paz e tornar Timor-Leste independente da Indonésia. Cabe observar que a INTERFET era uma tropa de paz liderada pela Austrália.

Está escrito no pôster que no dia:

On the 19th September 1999, the war in East Timor officially ended. The chickens, however, still refuse to come to the negotiating table. For a 7 year old, East Timor has an ancient almost primitive obsession with cockfighting. Thought we're the world's newest nation we are a very old soul inside. As a result, East Timor has a habit of messing around with your perception of time. One minute, it's 2009; the next minute you're transported several centuries back in time to a tribal wedding, a headhunter's dance or a limestone cave frescoed with 5000 year old austronesian art. Have you been fast asleep all your life? Perhaps, East Timor and her cockerels can wake you up.

³⁶Lacey et al (2012) identificou que os curtos encontros no período das férias entre o turista filantrópico e a comunidade local revelam que conexões emocionais podem ser realizadas entre eles tendo em vista a motivação filantrópica.

³⁷ Ver anexo – Imagem 1

Estão chamando a atenção para um Timor-Leste que ainda é considerado “primitivo” pois a briga de galos³⁸, casamento tribal e a dança dos caçadores de cabeça ainda são frequentes no país bem como percebe-se que há uma positividade e uma certa ironia e espírito de brincadeira com algumas práticas locais, como a briga de galos e até mesmo com a tragédia de 1999 a fim de transformá-lo em objeto de consumo turístico de uma maneira bem humorada. As pinturas rupestres também são transformadas em objeto de consumo turístico mesmo sendo uma noção de tempo supostamente distinta. A história do país aparece como atração turística.

Esse tempo distinto estimula a busca de autenticidade³⁹, conceito que as literaturas antropológica e sociológica do turismo exploram: o turista buscaria nesse encontro com outra sociedade o autêntico de uma cultura, um passado “não modificado” que ainda perdura e que faz parte da história dessa sociedade.

O segundo⁴⁰ pôster da campanha enfatiza que o Timor-Leste é um país diferente no que diz respeito às conveniências esperadas do viajante, como ir ao banheiro e encontrar papel higiênico. No país, pode ser que nem banheiro seja encontrado com facilidade muito menos o papel:

Before you enter the Democratic Republic of East Timor be sure you have the right papers. There's no toilet papers on the road less traveled. Often, there's no toilet. But there's plenty of bushes. Not to mention, rocks, hills, trees, creeks, cliffs, beaches and wide open spaces. In East Timor, nature calls in the widest, most eco-diverse way. From smoky mountain, peaks to tropical woodlands, from australian savannahs to alpine valleys, from the sheltering Wetar Strait on the north coast to the unrestrained Timor sea off the south shore. Admittedly, air-conditioners and cafes are still novelties here. But we reckon our emerald hills and sapphire seas are fair compensation for the lack of conveniences. Now back to the subject of toilet rolls: don't forget them. Or you might have to reach for our local paper: The Timor Post.

Uma dimensão de análise salientada no pôster pode ser a de positivar a natureza ainda pouco explorada e as poucas indústrias no país que desencadeiam poluição no meio ambiente. A ênfase dada nesse alerta ao turista tendo em vista uma maneira mais alternativa de se viver que está relacionada com um jeito mais ecológico ao priorizar a harmonia com a natureza são ideais almejados pelos países ditos “desenvolvidos”. Há uma certa tática de compensação neste pôster, a precariedade das infra-estruturas é compensada pela qualidade

³⁸ O capítulo 2, que trata do turismo na época colonial, trouxe as brigas de galos como atrações turísticas.

³⁹ Ver MacCannell (1999).

⁴⁰ Ver anexo – Imagem 2

da natureza. O que vai ao encontro da relação de uma maneira mais simples de se viver com uma maneira mais ecológica.

No que diz respeito à essa maneira mais alternativa de se viver, no campo do retorno ao natural, Tornquist (2002) ressalta a volta da ênfase na importância do parto normal para as mulheres em contraponto a um saber biomédico. A autora observa que há sugestões de fortes vínculos:

(...) por vezes de forma determinista, entre a forma de nascer e o comportamento ulterior das pessoas (humanizar o nascimento é garantir o Futuro do Planeta), o que reforça e imprime ares de normatividade a um modelo ideal de parir e seus desdobramentos sociais mais amplos.” (Tornquist, 2002, p. 490)

Trago essa análise pois a campanha para viajantes ao Timor-Leste pode estar atrelada à positividade desse ideal de um retorno mais natural de se viver, mais ecológico, onde a natureza e tudo o que é mais natural se fazem presentes de forma significativa na vida das pessoas.

Nessa dimensão, nada mais natural que o retorno do parto natural em contraposição a um saber mais moderno como a biomedicina. Nada mais natural também que um país cujas conveniências e facilidades de uma vida mais moderna ainda não estão presentes nas vidas das pessoas. Assim, Timor-Leste ainda é um país distante da concepção de uma natureza não preservada, de um modelo de um país industrial e tecnológico, pelo contrário, a natureza do Timor-Leste é ressaltada como dimensão de ser vista e de ser admirada pelos viajantes.

Por outro lado, este pôster dialoga com um dos doadores que estão no site da campanha: o projeto da *Plan* no Timor-Leste tem como objetivo melhorar a saúde das crianças, suas famílias e suas comunidades ao entregar para a comunidade serviços de água e saneamento básicos. Enfatizam a falta de acesso à água potável e que cerca de 70% das pessoas dependem de um arbusto utilizado como banheiro, por isso a necessidade de apoio para construção de casas de banho.

A campanha articula propaganda de turismo com evidências de precariedade de maneira bastante inteligente. Nesse pôster combina-se o reconhecimento da falta de infra-estruturas com a exaltação da natureza e a seguir, mostra-se mais uma vez a carência de algumas comunidades justamente para gerar um efeito de compromisso das pessoas.

O terceiro⁴¹ pôster ressalta um Timor-Leste que deve ser conhecido antes de se tornar lugar comum, ou seja, aquele lugar que todos já conhecem e já visitaram. É interessante a idéia de positivar sua situação de país pouco visitado:

Jim's Crack, Ramelau's Bottom and Jesus Backside beach. Well, people did say you were going to the arse end of nowhere. East Timor is rather difficult to locate in an atlas. We are, after all, only half an island situated at the rear end of Southeast Asia. For most tourists, we're not even on the map. Their ignorance is bliss indeed for the intrepid traveller. Whether it's a trek up the 2963 metre Mt Ramelau from its base at the misty alpine village of Hatobuilico, or a dive into the pristine coral reefs of Jim's Crack and Jesus Backside Beach, one always comes away with that grand feeling of being first on the scene. Discover East Timor before the herd does. Or you'll kick yourself in the... you know where.

Este pôster traz alguns pontos turísticos do país: o Monte Ramelau, a estátua de Jesus Cristo, a vila de Hatobuilico, o mergulho nas praias do país. Brincam com o fato de o Timor-Leste ser pouco conhecido, embora esse feito seja bom para o intrépido. Pode ser que esse pôster esteja dialogando com a agência *Intrepid*, que proporciona a ida ao país dos primeiros turistas que têm a sorte de conhecê-lo antes de o destino se tornar um lugar comum tendo em vista as maravilhas do país. A agência *Intrepid* não está por trás da campanha. É uma entidade de direito privado, entretanto, é uma das únicas agências de turismo com pacote turístico ao país⁴².

O quarto⁴³ pôster ressalta a necessidade de o viajante estar preparado para o inesperado:

In the great Roman Catholic tradition you are cordially invited to sleep with the nuns. There is no Grand Hyatt, Four Seasons or Ritz Carlton in East Timor. Outside our laid back capital, Dili, it gets even more interesting: no hotels. So if you're in the market town of Viqueque, Roman Catholic nuns will put you up in the orphanage. In Baucau, you'll stay in a flamboyant pink pousada. In Balibo, a crumbling portuguese fort. And in most villages, bamboo huts. If you're after a cookie-cutter holiday, East Timor is plainly not your kind of destination. If conversely, you're prepared to expect the unexpected, our half-island can be the venue for an uproarious muck-about. If you're not a tourist, but a traveller please accept our invitation and come quickly.

Sempre bem-humorado, esse pôster retrata a presença marcada da religião católica,

⁴¹ Ver anexo – Imagem 3

⁴² Na pesquisa realizada na internet, não encontrei agência de viagem brasileira que ofereça pacote turístico para o Timor-Leste. A agência *Intrepid* é uma agência de viagem australiana.

⁴³ Ver anexo – Imagem 4

herança da colonização portuguesa. Em Viqueque, por exemplo, não há hotéis, mas o viajante vai encontrar orfanatos e a presença da Igreja Católica. No que se refere à falta de hotéis para se hospedar fora de Dili, sobra o orfanato em Viqueque como local de hospedagem.

O pôster dialoga com a instituição doadora *Youth Off The Streets*, entidade que auxilia um orfanato localizado na pequena cidade de Baguia e trabalha junto com a igreja local, em uma área pobre nas montanhas. Mais uma vez, mostra-se a carência de infra-estruturas e a vincula com a ação de uma entidade doadora, o que colabora para fortalecer os compromissos dessas instituições com o país e convidar outras pessoas a aderirem a causa e empoderar a população local.

O quinto⁴⁴ pôster traz a bela natureza do país com praias repletas de tartarugas:

We apologize about the overcrowded beaches. But try asking 5000 lovesick turtles to get a room. The high season of East Timor's fabulous far eastern beaches starts in April. Driven by a thing called love, Hawksbill and Green turtles paddle up our shores by the thousands. If you're a diver, you'll see manta rays, whale sharks, dugongs, giant groupers and if you're lucky, really lucky, another diver. In April and May, you'll cross the migratory path of the Humpback leviathan. In nine out of ten trips to Atauro Island, you'll be harangued by pesky dolphins and pilot whales. If you've had enough of marine life, you can always chill out at one of Dili's seaside bars and have a glass of Sex on the Beach. Why should the turtles have all the fun?

Este último pôster é dedicado às atraentes praias do Timor-Leste, principalmente, à vida marinha contida nos oceanos. A ênfase na atividade de mergulho nessa região faz parte dessa exaltação. Especialmente, o mergulho realizado na Ilha de Ataúro.

O realce nas belas praias para a prática de mergulho chama atenção para os investidores/comerciantes do mergulho. Na *AsiaDive Expo*⁴⁵, o stand do turismo do Timor-Leste promoveu as belezas do oceano do país para os mergulhadores⁴⁶. A reportagem também traz que há possibilidade de Timor-Leste se tornar o país top de turismo de mergulho. Interessante observar como a natureza é vinculada à imagem do país e transformada em produto turístico.

Ações da ONG Haburas

⁴⁴ Ver anexo – Imagem 5

⁴⁵ Disponível no site: http://www.mtci-timorleste.com/pt/turismo/100658/promoção_conjunto_da_expo_de_mergulho_da_asia_adex_2010_em_singapura

⁴⁶ Ver o site: www.underwatertimorleste.com

A ONG Haburas é uma entidade timorense criada em 1999 com a preocupação de minimizar os impactos ambientais. Tendo em vista os 24 anos de ocupação indonésia, trabalha no empoderamento da comunidade. A organização não governamental está envolvida com treinamento de projetos turísticos e no mapeamento do turismo no país em parceria com o governo⁴⁷.

Um dos programas em que a ONG Haburas participa é o *AhimatanbaFuturu*⁴⁸. O programa tem a intenção de reduzir a pobreza através do turismo de base comunitária. Uma das ações da ONG é o turismo ético de Tutuala⁴⁹:

O suco de Tutuala fica a 271 km de Díli, capital do país. Suco é a unidade administrativa menor do país (Distrito, Sub-distrito e Suco). A população de Tutuala gira em torno de 1460 indivíduos. As famílias dependem do rendimento da agricultura não irrigada de subsistência. Em primeiro lugar, da plantação do milho, em segundo, mandioca. Possui uma escola primária e um posto de saúde. Está localizado no extremo leste da ilha, dispõe de acessos rodoviários em boas condições. Tal fato não tem necessariamente impacto direto na vida da comunidade por dois motivos principais: por um lado, as capacidades de suportar os custos de tal deslocamento são muito pequenas, por outro, durante a ocupação indonésia não era incentivada a mobilidade das populações, sujeita a restrições muito rígidas, o que deixou marcas ao nível dos comportamentos e mentalidades. Essa distância geográfica significa uma enorme dificuldade de relacionamento com os centros de decisão, localizados em Díli e ainda por funcionar num modelo extremamente centralizado, agravada pela inexistência de meios de comunicação. Outro fator de isolamento pode ser a coesão étnica. Sem dúvida que este forte sentimento de pertença a uma comunidade alargada – os Fataluku – tem sido motor de preservação cultural e fator de resistência à ocupação estrangeira, no entanto, nesta nova fase será necessário encontrar formas de quebrar as fronteiras étnicas, promovendo uma integração positiva no contexto nacional, sem que tal implique perda de identidade local.⁵⁰

Importante ressaltar que, no início dos anos 80 do século passado, a reorganização da guerrilha timorense, sob a orientação do Comandante Xanana Gusmão, fez-se a partir da região Leste. Nota-se que a ONG Haburas desenvolverá o turismo ético em uma região administrativa bem fechada à ocupação estrangeira e seu discurso vai no sentido de incentivar o turismo ético tendo em vista a preservação cultural do local.

Haja vista a forte coesão étnica existente no suco de Tutuala, o desenvolvimento do

⁴⁷ Disponível no site: http://www.mtci-timorleste.com/pt/imprensa/100990/o_director_do_departamento_do_turismo_mtci_oficialmente_deu_abertura_ao_treinamento_de_mapeamento_do_turismo_de_tl

⁴⁸ Disponível no site: http://eeas.europa.eu/delegations/timor_leste/projects/list_of_projects/200353_en.htm
<http://www.cidac.pt/ProjectoAhimatan.html>

⁴⁹ Disponível no site: <http://www.cidac.pt/TurismoEticoTutuala.html> :

⁵⁰ Informações disponíveis em: <http://www.cidac.pt/InformacaoHaburasTutuala.pdf>

turismo étnico⁵¹ pode acontecer sob a dimensão de ser uma oportunidade de a comunidade local reduzir a pobreza, conforme o projeto da ONG Haburas.

O turismo ético é pensado tendo como suas bases a responsabilidade com a comunidade de países em desenvolvimento. Há respeito pelos direitos humanos, diversificação das economias locais, sustentabilidade cultural, social e ambiental, transparência, acesso à informação, desenvolvimento em favor das comunidades dos destinos turísticos, construção de uma rede local de abastecimento de serviço de comércio justo, através das operações turísticas⁵².

Nessa dimensão, o turismo ético está subsumido também no turismo de base comunitária em Timor-Leste e não só a ONG Haburas trabalha nesse tipo de turismo. Esse tipo de turismo com ênfase no empoderamento da comunidade local dedica-se também às áreas de *guesthouse*, restaurantes, *home stay* e artesanato.

Tendo em vista o empoderamento da comunidade local, o incentivo para promover o turismo de base comunitária ao enfatizarem as técnicas e saberes locais se faz presente por parte da ONG Haburas. Tal empoderamento está subsumido também em práticas pedagógicas⁵³.

As práticas da cultura local como o *tais* (tecido leste timorense), o artesanato local, as jóias tradicionais, a arte contemporânea e as esculturas de madeira são apresentadas como arte.

A promoção do turismo de base comunitária (étnico e ético) necessariamente impõe como objetivo a ser alcançado a mudança social. No entanto, também investe na manutenção de certas características culturais para serem objeto de consumo turístico.

Pacote turístico - agência IntrepidTravel

IntrepidTravel é uma agência de viagem australiana e é uma das poucas agências com pacote turístico para o Timor-Leste⁵⁴. Tendo em vista a importância desses pacotes ao servirem de guia até mesmo para quem viaja sozinho, achei interessante trazer o roteiro, observar como é apresentada a interação entre moradores e turistas/viajantes e o modo como a cultura local é manejada para fins turísticos.

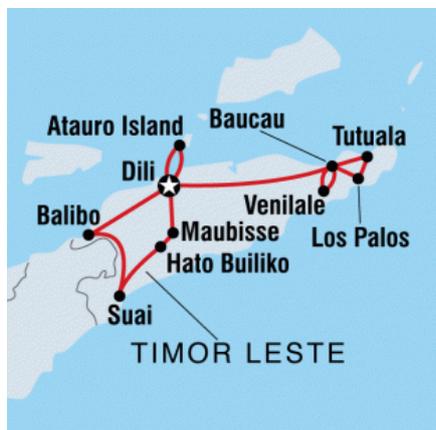
⁵¹ Ver Grunewald (2003) e Barreto (2005).

⁵²Essa é a construção ideológica do turismo étnico. Ressalto que Berghe (2005), em sua pesquisa a respeito do turismo étnico no México, destacou o lucro que a mestiça burguesia local passou a ter com a comercialização dos maias.

⁵³Ver Foucault (2011)

⁵⁴ Disponível no site: <http://www.intrepidtravel.com/timor-leste>

O pacote tem a duração de 15 dias e o preço da viagem está orçado em 3.080 dólares. O roteiro de viagem contém os seguintes destinos:



São duas noites em Dili. Embora haja uma sensação de um local português, Dili está procurando sua identidade. Em Dili, irão explorar os mercados locais de tecelagem ou visitar a Sala de Leitura de Xanana Gusmão. Depois vão de Maubisse para Hato Builico: saem de Dili de 4x4, passam pelas plantações de café e de milho. Param uma noite numa pousada estilo portuguesa em Maubisse antes de irem para Hato Builico. Vão para o mercado local ver agricultores da vila fazerem o comércio de produtos como fazem há séculos. Depois de dormirem em Hato Builico, passam uma noite em Suai: viajam pela exuberante floresta tropical e terras agricultáveis em Suai. Acordam cedo para subir o Monte Ramelau – maior pico de Timor-Leste – onde é possível ver as vistas panorâmicas e uma estátua da Virgem Maria. Voltam a Dili pela cidade de Balibo. Depois de dormir em Dili, passam duas noites na Ilha de Atauro: ao cruzar o *Wetar Strait*, verão as baleias e os golfinhos. Como convidados de um projeto de ecoturismo que apoia a comunidade local ficam numa barraca de praia simples enquanto desfrutam a tranquilidade da Ilha de Atauro. Depois, irão para Baucau: experimentam a vida tradicional dos timorenses em uma área de plantações de arroz, fazendas de amendoim e campos vegetáveis. Com a base em Baucau, viajam para Venilale ao longo de uma estrada sinuosa ladeada por gigantescas árvores velhas. Visitam as cavernas que foram utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial e fazem uma caminhada pela floresta para o Monte Ariana. Passam duas noites em Los Palos, onde aprenderão como a tecelagem e a cestaria estão contribuindo para o desenvolvimento da comunidade em Los Palos. Ao leste, verão as casas dos espíritos tradicionais e absorverão paisagens incríveis. Chega na vila de Tutuala – uma base perfeita para ser explorada e é perto da Ilha Jacó. Regressam a Dili, mas também desfrutam uma parada no Com Beach ao longo do caminho.

Uma vez que a agência de viagem é australiana e embora haja ênfase da presença marcante portuguesa em Dili, parece que não se quer reconhecer que Dili tenha um caráter português, pois consideram que a cidade ainda está em busca de sua identidade. Já no

Capítulo 3, que consiste nos projetos turísticos do governo pós-colonial, há ênfase na nuance latino-asiática na promoção do país como consumo turístico. A construção da identidade leste-timorense varia conforme os contextos e interesses daqueles que estão envolvidos na sua invenção.

Ao focalizar na maneira como o turista/viajante experimenta a vida tradicional dos timorenses nas áreas de plantações e a ida ao comércio local para verem os agricultores fazerem o comércio como fazem há séculos, os timorenses parecem localizados em um passado eterno.

A reserva de um dia de viagem para o turista presenciar o comércio local que remonta há séculos atrás e outro dia para experimentar a vida de um timorense em áreas de plantação⁵⁵ propiciam lembranças de práticas de sobrevivência que remontam a um saudosismo, a uma dimensão romântica do “outro”, mas que também pertencem ao próprio turista/viajante. É como se fossem costumes e práticas que ressaltam a ancestralidade da humanidade que ainda perduram mais intensamente nos timorenses nas suas práticas cotidianas e seus estilos de vida.

Tal como na positivação de costumes considerados mais “primitivos” que pôde ser observada na análise do primeiro pôster da campanha *Do Something for East Timor* com a ênfase na briga de galos, o casamento tribal e a dança dos caçadores de cabeça, a agência de viagem também positiva essa dimensão de vida que é apresentada como autêntica, ou seja, a de um passado remoto mas que perdura e pode ser preservado, mesmo que seja para fins turísticos como a visita a casas dos espíritos tradicionais.

Percebe-se que, quando enfatizam a comunidade, apontam a relação da comunidade com algum tipo de projeto, o primeiro é um projeto de ecoturismo atuante na Ilha de Ataúro e o outro não é abordado explicitamente como projetos, mas indicam que são projetos de desenvolvimento no qual a tecelagem e a cestaria têm papel importante na região de Los Palos. As práticas pedagógicas fazem parte desses projetos de empoderamento⁵⁶.

Apenas em um momento o pacote de viagem reserva um dia para os turistas ficarem apreciando a ilha de Ataúro em uma barraca de praia e, ao mesmo tempo, neste mesmo lugar, são convidados a ver os projetos de ecoturismo desenvolvidos nesta comunidade.

O passeio pela vila de Tutuala é ponto turístico e destacado como um lugar perfeito para ser explorado. É justamente nessa comunidade que a ONG Haburas com apoio do

⁵⁵ Em Bali, é comum o turista ir conhecer os famosos arrozais.

⁵⁶ Ver Foucault (2011)

governo de Timor-Leste desenvolveu projetos de turismo na região⁵⁷. Um dos projetos está subsumido no empoderamento da comunidade local com base no turismo ético, imaginado como turismo responsável e solidário para o desenvolvimento sustentável do setor. Ao mesmo tempo, Tutuala é região onde a coesão étnica é fortemente marcada, o que dá margem para representação da etnia para exibição.

Percebe-se que espera-se do turista intrépido como do turista envolvido ou capturado pela campanha *Do Something for East Timor* uma conduta em comum: o trabalho para o Timor-Leste. O da campanha está totalmente inserido no trabalho e na doação do seu tempo em prol da comunidade local. O da agência de viagem também uma vez que são poucas as ocasiões para o desfrute do ócio, que acontece apenas no momento de apreciar a paisagem no Monte Ramelau e na Ilha de Ataúro.

Em contrapartida, quase toda a viagem está voltada para desfrutar dos projetos de empoderamento da comunidade local e do trabalho dos timorenses nas plantações, seja de café, de arroz, de milho, campos vegetáveis, fazendas de amendoim.

Blogs de turistas

Na análise dos blogs de turistas, uma das preocupações deles consiste em divulgar os vãos para se chegar ao Timor-Leste^{58,59}. Há também recomendação de táxis e o conselho para o turista combinar o preço antes de entrar no táxi. A refeição no Hotel Timor é sugerida, mas com ressalvas, pois o hotel está em um mundo à parte por isso não indicam o hotel para conhecer o que quer que seja da cultura leste-timorense⁶⁰.

Em outro blog⁶¹, a beleza natural do país é exaltada e um convite é feito para os amantes do ecoturismo realizarem um passeio nas montanhas e nos arrozais de Baucau, na areia branca de Lautém, na praia de Tuluala e na ilha deserta de Jacó. Um blog de brasileiro⁶² divulga a moeda corrente em Timor-Leste: dólar americano.

A leitura do livro Réquiem para o Navegador Solitário de Luís Cardoso, importante romancista do país, é recomendada como uma viagem muito particular ao Timor-Leste^{63,64}.

⁵⁷ Disponível no site: <http://www.cidac.pt/TurismoEticoTutuala.html>

⁵⁸ Em 13/11/2008, postado por brasileiro. Disponível no site: <http://blog.edermarques.net/tag/viagens/>

⁵⁹ Em 14/01/2007, postado por brasileiro. Disponível no site: <http://www.michelazzo.info/2007/01/14/uma-semana-de-timor-leste-a-viagem/>

⁶⁰ Não consegui ter acesso à data de postagem, postado por português. Disponível no site: <http://www.almadeviajante.com/dicas/timor-leste.php>

⁶¹ Não consegui ter acesso à data de postagem nem nacionalidade. Disponível no site: <http://www.bigviagem.com/timor-leste-turismo/>

⁶² Em 17/08/2012, postado por brasileiro. Disponível no site:

<http://blogdobranquinho.blogspot.com.br/2012/08/viagem-moedas-e-cambio-da-asia.html>

⁶³ Em 19/03/2010, postado por Forum Haksasuk.

O blog timorlorosae⁶⁵, publicado por brasileiro, em 29 de outubro de 2009, oferece várias informações: visto para o país, como chegar, dados do Timor-Leste (população, superfície, moeda, língua, riscos de saúde, eletricidade, pesos e medidas, fuso horário, telecomunicações, internet, cartões de crédito aceitos, hotéis, pousadas, aluguel de motos e automóveis, transporte, telefone da Embaixada do Brasil no Timor, telefone de serviços de emergência como polícia, bombeiro e ambulância, custo de vida - considerado como um dos mais caros da Ásia -, supermercados e divertimentos).

Em blog⁶⁶ postado por brasileiro, no dia 01 de dezembro de 2012, o turista criticou o trânsito. Disse que um *malae* (estrangeiro) cometeu um acidente de trânsito: atropelou um timorense que dirigia uma moto e levava duas crianças com ele. Uma criança morreu na hora e o homem e a outra criança foram levados ao hospital em estado grave. Alguns timorenses que viram o acidente quiseram apedrejar o *malae*, embora ele tenha tentado prestar socorro. Entretanto, com a atitude dos timorenses, ele saiu correndo para se esconder em uma lojinha. O blogueiro afirma que os timorenses tiveram uma atitude não civilizada. Foi incisivo na falta de sinalização nas ruas e da falta de segurança dos timorenses ao dirigirem uma vez que as crianças andam nas motos sem capacete. Outro⁶⁷, postado por brasileiro, em 04 de julho de 2010, chama atenção para a primeira palavra que o turista aprende: *malaes*. Talvez isso possa indicar a tensão que um estrangeiro pode vivenciar no país.

Já, em 01 de maio de 2005, blog⁶⁸ postado por português, o viajante comenta que os timorenses gostam de conversar com os *malaes* e o assunto preferido é a luta pela independência. Na visita ao cemitério de Santa Cruz, relembram o massacre de Santa Cruz, o dia em que o exército indonésio atirou em centenas de timorenses que faziam manifestação no cemitério pela luta pela independência, no dia 12 de novembro de 1991.

Em 13 de novembro de 2012, em um blog⁶⁹ publicado por portugueses, o dia do massacre também foi trazido à tona e o vídeo do dia da tragédia pode ser acessado. Em

Disponível no site: <http://forum-haksasuk.blogspot.com.br/2010/03/uma-viagem-muito-particular-ao-timor.html>

⁶⁴ Disponível no site: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,uma-viagem-muito-particular-ao-timor-leste,525242,0.htm>

⁶⁵ Em 29/10/2009, postado por brasileiro. Disponível no site: <http://timorlorosaeceara.blogspot.com.br/2009/10/informacoes-sobre-o-timor.html>

⁶⁶ Em 07/12/2012, postado por brasileiro. Disponível no site: <http://umgoianonotimorleste.blogspot.com.br/2011/12/realidade-nua-e-crua.html>

⁶⁷ Em 04/07/2010, postado por brasileiro. Disponível no site: <http://timorlorosaeceara.blogspot.com.br/2010/07/malai-malai.html>

⁶⁸ Em 01/05/2005, postado por português. Disponível no site: <http://www.almadeviajante.com/volta-ao-mundo/dili-timor-leste.php>

⁶⁹ Em 13/11/2012, publicado por portugueses. Disponível no site: <http://onovoselvagem.blogspot.com.br/2012/11/12-de-novembro-dia-da-juventude.html>

outro⁷⁰, postado por brasileiro, em 14 de novembro de 2011, a tragédia é também destacada e chamam atenção para a revolta dos timorenses com a cooperação internacional.

A língua portuguesa como língua oficial do Timor-Leste e o esforço dos professores portugueses para mantê-la são acentuados no blog alma de viajante⁷¹, postado por português, em 16 de maio de 2003. O fato de o país não ter muitos viajantes é ressaltado, entretanto, ênfase é dada no potencial turístico do país tendo em vista a beleza cênica, a diversidade de culturas locais, a amabilidade do povo, a sensação de se recuar no tempo em alguns lugares, as belíssimas praias, o Monte Ramelau, as plantações de café e cacau do centro do país, as ilhas Jacó e Ataúro. Ressaltaram também os sorrisos das crianças e seus olhos negros profundos igualmente risonhos. Já no blog⁷², o turismo no Timor-Leste é considerado como exótico tendo em vista a língua portuguesa.

Em outro blog⁷³, datado de 20 de setembro de 2011, uma turista portuguesa se alegra por conversar com um timorense em português em um vilarejo remoto do país. Também relata a viagem realizada em ferry boat para a ilha de Ataúro e as bonecas de Ataúro⁷⁴. As casas de paróquia que hospedam os viajantes e o bom acolhimento realizado pelos padres são notados. OBackpackers⁷⁵ é apresentado como o albergue onde muitos viajantes se hospedem em Dili. A blogueira indica a forte presença das Nações Unidas no Timor-Leste tendo em vista a quantidade de jipes da ONU nas ruas. A viajante comenta sobre o alto custo das refeições e dos alojamentos. Considera que Timor-Leste é um dos países mais caros que ela conheceu do sudeste asiático, depois de Singapura.

Traz a visita ao museu de Dare que celebra a memória do esforço conjunto de timorenses e australianos contra a ocupação japonesa no país na Segunda Guerra Mundial. A viajante agradece um colega australiano que conheceu noBackpackers que, com sua motocicleta, a levou para conhecer o interior do país e o litoral assim como agradece um

⁷⁰Em 14/11/2011, postado por brasileiro. Disponível no site: <http://blog.exadigital.com.br/index.php/2011/11/adeus-ao-timor-leste/>

⁷¹Em 16/05/2003, postado por português. Disponível no site: <http://www.almadeviajante.com/volta-ao-mundo/lingua-timor-leste.php>

⁷²Postado por Amadeus (empresa de TI para o mercado de viagens e turismo). Disponível no site: <http://amadeus1a.com.br/tag/timor-leste/>

⁷³Em 20/09/2011, postado por portuguesa. Disponível no site: <http://viagemincognita.blogspot.com.br/2011/09/timor-leste.html>



⁷⁴

⁷⁵Disponível no site: <http://www.easttimorbackpackers.com>

jovem timorense, que representa o país em diversas conferências da juventude e já trabalhou na ONG Haburas e uma voluntária enfermeira australiana, sem contar com os diversos portugueses espalhados em Timor que ela conheceu, sejam eles professores, militares ou envolvidos em projetos e organizações.

Em blog⁷⁶ de dois portugueses que estão trabalhando e vivendo em Dili por dois anos, postado em 08 de outubro de 2011, o Monte Ramelau com sua vista paradisíaca a quase 3.000 metros de altitude é salientado. Convidam os turistas a visitar Maubisse - igreja e monumento - e comentam sobre os poucos eventos culturais em Dili.

No site dos mochileiros⁷⁷, a falta de estrutura do país é destacada. Chamam atenção de que as viagens dentro do país que poderiam levar vinte minutos, acabam demorando horas. Recomendam às mulheres viajantes sozinhas a não andar nas ruas à noite e evitar pegar táxi sozinha à noite, a vestir-se de forma conservadora para não chamar atenção e usar biquini apenas nas principais praias.

No blog⁷⁸ de um estudante brasileiro de biologia que viajou ao Timor-Leste para estudar a vida marinha do país, o estudante menciona, em 17 de outubro de 2010, que o nome da ilha de Ataúro tem origem devido à grande quantidade de cabras encontradas na ilha. Ataúro significa cabra em tétum. Elogia a cultura timorense de respeito ao mar e suas formas de vida, principalmente, os crocodilos.

Já em outro blog⁷⁹, postado por brasileira, em 06 de outubro de 2010, Timor-Leste é positivado por estar localizado próximo a lugares exóticos, lindos e com preços acessíveis, como Bali. Investir em viagens para lugares próximos de Timor-Leste é visto como aproveitar a estadia no país. No blog⁸⁰ postado por brasileira, em 07 de janeiro de 2010, a passagem pela fronteira do Timor-Leste com Timor-Oeste foi objeto de análise da turista brasileira, que saiu de Dili rumo a Kupang. A blogueira estava admirada com a beleza da paisagem da estrada. Via muito verde, mar, montanhas, flores, plantações de arroz, fazendas com búfalos, cabras no meio da estrada, casas com telhado de folhas de palmeiras e todas

⁷⁶ Em 08/10/2011, postado por portugueses. Disponível no site:

<http://onovoselvagem.blogspot.com.br/2011/10/turistas-em-timor-leste.html>

⁷⁷ Disponível no site: <http://www.mochileiros.com/timor-leste-guia-de-informacoes-t41592.html>

⁷⁸ Em 17/10/2010, postado por brasileiro. Disponível no site:

<http://eriveltotrygon.blogspot.com.br/2010/10/viagem-ilha-das-cabras.html>

⁷⁹ Em 06/10/2010, postado por brasileira. Disponível no site: <http://um-ano-em-dili.blogspot.com.br/2010/10/planejamento-de-viagem.html>

⁸⁰ Em 07/01/2010, postado por brasileira. Disponível no site:

<http://refletindotimorleste.blogspot.com.br/2010/01/ferias-parte-i.html>

com uma forma de amarração de acordo com o distrito de localização (umas com amarração no encontro das palhas, algumas trançadas, outras amarradas, com desenhos).

Como se pode observar, são diversas as narrativas dos viajantes ao Timor-Leste. Sintetizo as que mais se repetiram. Muitas delas afirmam que o lugar possui uma beleza natural e uma cultura local em contato com a cooperação internacional. Tendo em vista a grande presença dos estrangeiros no país, a primeira palavra aprendida em tétum para quem visita o país é *malae*.

O dia do massacre de Santa Cruz aparece em mais de um blog, o que configura uma data muito triste, embora seja importante para o país. Revela uma população que sofreu com a invasão indonésia e os viajantes, ao divulgarem as informações desse dia, clamam pelo respeito aos timorenses e sua história na luta pela independência.

A beleza da natureza do país é elogiada juntamente com a harmonia entre cultura e meio ambiente. Pontos turísticos como Monte Ramelau, Ilha de Jacó e Ataúro, Tatamailau, Loelaco, Maubisse são trazidos pelos blogueiros.

Poucas foram as críticas. Não houve recomendações para se ter cuidado por causa da violência e assaltos. Houve conselhos para as mulheres se vestirem de forma conservadora e tomarem cuidado ao sair à noite sozinha.

As nacionalidades se revezaram entre os brasileiros e os portugueses. A maioria dos blogs que tive acesso foi de brasileiros. A visão e os problemas que aparecem aos turistas australianos, por exemplo, podem ser outros. Pode ser que, pelo fato de eu estar no Brasil, o IP do meu computador acesse mais sites brasileiros. Entretanto, ressalto que tive o cuidado de ler os perfis dos blogueiros para não pairar dúvidas quanto à nacionalidade.

Turista ou viajante?

Tendo em vista a análise dos pôsters da campanha *Do Something for East Timor Now*, os projetos da ONG Haburas, o pacote turístico da agência de viagem *IntrepidTravel* e as narrativas dos blogs dos turistas que estão no Timor-Leste, uma pergunta que cabe fazer é quem seriam esses turistas que viajam para o país? São eles viajantes ou turistas? Mas qual a diferença?

Carter et al (2001) mapearam o perfil dos visitantes no Timor-Leste há mais de dez anos atrás. Eram eles: os leste-timorenses que vivem no exterior e voltam para o país apenas para visitar amigos e familiares e os mochileiros.

Haja vista a presença dos mochileiros em Timor-Leste, Cecília Meireles (1999) defende a diferença entre turista e viajante levantada na crônica sobre o turista de Roma:

Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada (...). O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e do futuro um futuro que ele nem conhecerá. (Meireles, 1999, p. 101)

O viajante vivencia profundamente os lugares visitados, postura diferente do turista que, conforme Meireles, é mais feliz e vive sem querer adentrar no íntimo dos lugares. Um pouco parecida é a discussão do conceito de viajante e turista na acepção dos estudos na área do turismo. Conforme Simões (2009):

Quando se fala em viagem, a relação que hoje se estabelece entre os termos turista e viajante, no que respeita ao ato do deslocamento, ainda é a de preferir, para o primeiro, aquela acepção relacionada a serviços e questões econômicas, inerentes a uma viagem programada e sem riscos; para esse último, a idéia daquele que busca conhecer outras culturas, que viaja ao sabor da aventura. (Simões, 2009, p. 6)

Até mesmo nos estudos do turismo, o turista se relaciona com uma certa superficialidade no deslocamento da viagem enquanto o viajante é mais intenso ao viajar. Parece que o visitante a Timor-Leste está mais para o viajante no governo pós-colonial, pois espera-se dele envolvimento em projetos humanísticos na medida em que sua preocupação vai além do tirar fotos e desfrutar do tempo de lazer. Sua consciência e responsabilidade social deveriam conduzi-lo a se envolver com a comunidade local e empoderá-la⁸¹.

Cada viajante leva na bagagem seu conhecimento, muitas vezes, de anos de estudo como observado nos viajantes das organizações sem fins lucrativos australianas com seus projetos na área de saúde, ensino, infra-estrutura, advocacia. Os voluntários dessas entidades

⁸¹ No Capítulo 2, que trata do governo colonial, os hippies apareceram como viajantes e não turistas. Houve admiração pelo estilo de vida deles, entretanto, não houve menção a algum tipo de trabalho dos hippies para o empoderamento da comunidade.

se doam para a comunidade local tendo em vista suas habilidades, ou seja, o que possuem de melhor: sua profissão.

O pacote de viagem endereça seus serviços no Timor-Leste também ao viajante e não ao turista na medida em que o lazer é construído socialmente. O viajante intrépido é aquele aventureiro e, ao mesmo tempo, ciente de sua responsabilidade social e ambiental, ávido por conhecer e desfrutar dos momentos no país. O viajante intrépido além de estimar o encontro e a preocupação com a população local como situações que influenciam na escolha do tempo de lazer, também está disposto a usufruir do seu tempo de lazer de uma forma que seja útil tanto para a comunidade local quanto para o intrépido. É o tempo despendido em prol do outro.

O viajante anseia o contato com as pessoas do local como também deseja conhecer os projetos de empoderamento da comunidade. O roteiro concentra-se mais nessa interação do viajante com a comunidade do que com a natureza. É o trabalho desenvolvido nas comunidades locais que são enfatizados assim como a visita às plantações de café, arroz, milho, ou seja, ênfase dada ao trabalho dos timorenses nesses campos.

Também é assinalado um certo contato com o passado, imaginado como tempo perdido, que, ao visitar Timor, é lembrado. Essa sensação de se recuar no tempo também é notada nas narrativas dos blogueiros.

Ao observarmos os nomes dos blogs contidos nas notas de rodapé deste capítulo, nota-se que não há referência para a palavra turismo nem turista. Entretanto, os seguintes termos aparecem: viagem, alma de viajante, big viagem, informações do Timor-Leste, um goiano no Timor-Leste, o novo selvagem, desde Timor, mochileiros, ecos da nossa viagem, refletindo Timor-Leste, planejamento de viagem, missões. Subliminarmente, os blogueiros parecem se considerar mais viajantes do que turistas.

Nessa dimensão, é esperado ou estimulado que o viajante ao Timor-Leste esteja ou venha a estar imbuído por um altruísmo e por uma vontade de doar o seu tempo e seu trabalho em prol do outro. O altruísmo apresenta-se como uma preocupação de querer o bem para o próximo e é uma construção social. Dessa forma, o viajante tem algo a mais a empreender na sua viagem. Ele quer ser útil e fazer a diferença na vida das pessoas, sua preocupação se aproxima com o compromisso do trabalho.

Os viajantes para o Timor-Leste seriam visionários. Enquanto projeto devem acreditar no desenvolvimento de habilidades, seja para o artesanato, seja no empoderamento de líderes mulheres e homens tendo em vista a concepção da igualdade de gênero, seja para as artes em

geral. Sem contar com os viajantes que querem presenciar a realização desses trabalhos no país, como o intrépido.

De acordo com Turner (1978), em seu estudo com os peregrinos na cultura cristã, há uma justaposição da peregrinação com adoração e comércio:

Pilgrimage devotion, the market, and the fair are all connected with voluntary, contractual activities (the religious promise, the striking of a bargain, the penny ride on the merry-go-round), and with a measure of joyful, "ludic" communitas. This extends even to the religious activities proper, for comradeship is a feature of pilgrimage travel. (TURNER, 1978, p. 37)

Trouxe essa passagem de Turner para sugerir que em torno do viajante para o Timor-Leste circulam expectativas similares ao do peregrino. Ele é levado a viajar para um país haja vista seus compromissos e ideais para com aquela região e, ao mesmo tempo, trabalhar naquela comunidade na perspectiva de estar doando o seu tempo em prol do outro similarmente ao peregrino, que é concebido como deixando seu ambiente cotidiano e partindo em uma jornada para o “Center Out There”, conforme Turner (1973).

Ao mesmo tempo em que há essa devoção dos viajantes e o encontro com um passado perdido destacado nas narrativas, há diversas interações com o lugar como o mercado, a feira, que estão conectados nesse contrato de voluntariado, nessa aliança que se pretende produzir.

Nessa dimensão, a jornada do viajante não está somente em um movimento no espaço do familiar para o não familiar, mas, concomitantemente, marca uma ascensão espiritual. O viajante que sai de um lugar e vai para outro, tal como o peregrino, e depois volta para o lugar do qual saiu, volta revigorado. Ou seja, assim como o peregrino, o viajante pode encontrar seu centro em outro lugar e voltar fortalecido dessa jornada tendo em vista a possível construção do altruísmo que está marcado nessa relação dos viajantes com a comunidade local bem como o contato com uma estrutura de um passado perdido, de um tempo que se foi.

Tal construção de altruísmo pode estar atrelada ao projeto pedagógico⁸² de ensinar e cuidar do outro e, haja vista essa interação com a comunidade local, práticas e saberes locais podem vir a ser reformuladas e resignificadas, o que configura um possível manejo uma vez que os viajantes levam sua “cultura” na bagagem. Ao mesmo tempo, sob a perspectiva da população local, o contato com significados, sensações e sentidos distintos dos seus pode ensejar novos horizontes de sonhos e desejos ou um vazio sem fim.

⁸²Ver Foucault (2011).

Considerações Finais

A criação da indústria do turismo no Timor-Leste se articula em torno de práticas de diversos atores: o governo e empresariado colonial e seu projeto de desenvolvimento para o país, o governo pós-colonial e o setor privado informados pela concepção desenvolvimentista sustentável em voga para a construção do Estado nacional de Timor-Leste, as ONGs, as agências de viagem, os blogs de turistas, a campanha *Do Something for East Timor Now!*. Toda uma teia de vozes, significados e sentidos une os diversos atores a um único país: Timor-Leste e o desenvolvimento da indústria do turismo.

Tendo em vista a pluralidade de vozes, significados e sentidos do turismo no Timor-Leste, depreende-se que, do turismo da época colonial nas décadas de 60 e 70 ao turismo contemporâneo, a problemática da relação entre turismo e o manejo da cultura local e invenção e construção da cultura leste-timorense consistem em continuidades e rupturas dessas relações.

No que tange à invenção e construção da cultura leste-timorense, muitos discursos apresentados sobre Timor-Leste são táticas contextuais voltadas para mercados específicos. A emulação de Timor-Leste como um país da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa é estratégica em Portugal em razão da ideologia da lusofonia. Exemplo disso é a nuance latino-asiática na promoção do país como consumo turístico marcada nos projetos turísticos do governo pós-colonial.

Assim, a construção da identidade leste-timorense varia conforme os contextos e interesses daqueles que estão envolvidos na sua invenção. Por exemplo, na Austrália, a apresentação do país como um destino para mochileiros e apreciadores do mergulho dialoga de perto com o lugar desse tipo de turismo com os nacionais de lá. A agência de viagem australiana, *IntrepidTravel*, considera que Díli, capital do país, ainda está em busca de sua identidade. Embora haja ênfase sobre a presença marcante portuguesa na cidade, parece que não se quer reconhecer que Díli tenha um caráter português. A invenção e a construção da cultura leste-timorense perpassam por agendas políticas de países com interesses e projetos para o Timor-Leste.

No que tange à apresentação da “cultura” local na época do governo colonial, observada nos anais do Jornal *A Voz de Timor*, as práticas indígenas estão subsumidas na

pesca, na caça ao veado, búfalo e porco, no artesanato, nas casas típicas de Los Palos, na luta de galos, nas danças, na música como produto turístico. As mulheres com seus trajes típicos eram apresentadas recepcionando os turistas que chegavam ao país. Já os homens estavam em uma condição de servir o turista, embora não com os “bons costumes” típicos portugueses. Desafio administrativo significativo do governo colonial consistia em educar a comunidade local para bem servir o turista. Um certo controle da cultura se fazia necessário para projetar o país no mercado do turismo internacional.

No governo pós-colonial, uma imagem de povo guerreiro, resistente haja vista a luta pela independência é marcada enquanto produto turístico. Tais práticas estão subsumidas no turismo histórico e cultural. A valorização do sagrado, presentes no culto aos ancestrais (crenças Lulik) até a fé herdada da colonização portuguesa são destacadas como fenômenos importantes para o turista observar sob a ótica do turismo religioso e de peregrinação. A cultura leste-timorense aparece no âmbito do turismo religioso.

Já as práticas indígenas apareceram pouco marcadas como produto turístico no governo pós-colonial. Pode ser que isso esteja atrelado ao modo sustentável de se relacionar com a comunidade local uma vez que o turismo sustentável subsumido nas ideologias internacionais, que pautam a construção do Estado de Timor-Leste, impõe como desafio de governo o consentimento ativo das populações locais para os projetos de governo.

Dessa forma, o governo pós-colonial projeta unir turistas e comunidades locais como, por exemplo, na interação para o aprendizado de artigos de tecelagens. O projeto turístico do governo pretende inserir a comunidade local nos serviços oferecidos aos turistas como alojamentos, serviços de guia e alimentação. O governo pós-colonial tenta construir o envolvimento ativo da comunidade local ao contrário do projeto turístico do governo colonial: as dificuldades encontradas na interação do turista com a comunidade local eram trazidas para se pensar no melhor modo ou na possibilidade da construção da cultura para promoção do turismo no país. Entretanto, a necessidade de educar os leste-timorenses para os projetos turísticos serem eficazes aos olhos dos planejadores aparecem em ambos governos.

A promoção do turismo de base comunitária aparece também subsumidos nos projetos da ONG Haburas e no empoderamento da comunidade local haja vista os esforços da campanha *Do Something for East Timor Now!*, a qual impõe como objetivo a mudança social. No entanto, também investe na manutenção de certas características culturais para serem objeto de consumo turístico.

Os turistas que visitam o país são, idealmente, representados de diferentes maneiras desde a época do governo colonial. Nessa época, turistas australianos iam conhecer o país em

excursão sob a concepção do turismo de massa. O projeto turístico compreendia em um turismo voltado ao entretenimento tendo em vista o complexo hoteleiro com as mordomias e facilidades e os momentos de diversão proporcionados aos turistas.

Nessas viagens, os turistas estariam dispostos a conhecer a cultura local e o que o país tem a oferecer. Turistas retratados de modo diferente eram os hippies que visitavam Timor-Leste: seu estilo de vida subsumido em uma certa consciência e desprendimento na maneira de viver eram elogiados pelos articulistas.

Já os turistas do período pós-colonial são pensados mais na acepção de viajantes do que turistas, atribuindo-se a eles uma certa consciência e responsabilidade social que devem conduzi-lo a se envolver com a comunidade local e empoderá-la. Eles seriam viajantes que se utilizam de suas horas de lazer para trabalhar no país.

Em singelo exercício comparativo da interação da comunidade local com os turistas da época colonial e do período pós-colonial, a “cultura” local na época colonial estaria numa dimensão de apenas se exibir para os turistas e, quem se serviria de todo aprendizado da viagem seriam os turistas, que voltariam para seus lares com impressões e conhecimento de outra cultura, de outro lugar. Entretanto, pouco seria doado para a população.

Nessa época, o turismo estava enquadrado em outro contexto ideológico, cujas compras no *DutyFree*, do artesanato local ou a apreciação das danças locais juntamente com o folclore seriam mais valorizadas.

Em contrapartida, contemporaneamente, as ideologias mudaram de ator para ator haja vista seus contextos de ações. Assim, o turista usufrui do seu tempo de lazer de outra maneira uma vez que a dimensão do trabalho é valorizada também nesse período de ócio. Como a sustentabilidade está em voga atualmente, a perspectiva humanitária ganhou projeção.

As ONGs propõem que os turistas desloquem de suas casas para conhecer Timor-Leste. Esse deslocamento seria realizado buscando algo mais nesse encontro, ou seja, o trabalho e o compromisso com o país. É o trabalho, mas não o trabalho para o capital, uma vez que grande parte desses turistas são voluntários. Muitos não ganham nada monetariamente para estar ali. Em contrapartida, ganhariam outras sensações: autoconfiança, visão coletiva do mundo, iniciativa, sensibilidade com os problemas sociais, novos conhecimentos.

São pessoas que querem doar seu tempo e o que tem de melhor: sua profissão. Por que são considerados turistas? São turistas porque o tempo que passam no país é curto, conforme Lacey et al (2012). É no período de férias que os turistas viajam e, mesmo com a

brevidade desse período, ligações emocionais podem ser realizadas entre eles tendo em vista a motivação filantrópica.

Ao mesmo tempo, projeta-se que esses visitantes sejam viajantes não turistas uma vez que compartilhariam parte de sua vida com a população local e doariam parte de suas habilidades para a população local. Não seriam superficiais, mas intensos e empenhados em conhecer, em ensinar. De certa forma, convoca-se os turistas a atuarem como agentes civilizadores.

Ao mesmo tempo, haja vista as rupturas e continuidades de diferentes atores que constróem ou construíram projetos turísticos para o Timor-Leste, a marca da colonização portuguesa e, mais contemporaneamente, a influência australiana no país configuram indícios de que o turismo no Timor-Leste estaria sendo realizado com respeito para com as comunidades locais.

Ao analisar algumas brochuras de promoção do turismo na Nova Caledônia, D'Hautesserre (2011) observou que as imagens usadas para promover a Nova Caledônia em mercados internacionais continuam a ser uma declaração política que constrói o território como um enclave francês no Pacífico não compartilhado com a população Kanak e diversas minorias. Seu artigo demonstrou que essas representações continuam a traduzir as relações desiguais de poder que a maioria dos franceses na Nova Caledônia (apoiado pelo turismo e seus operadores) desejam manter com os povos indígenas.

Os Kanak, população indígena da Nova Caledônia, aparecem nas imagens sempre servindo tendo em vista uma condição de civilizados, ou seja, treinados a serem trabalhadores uma vez que fornecem a mão de obra necessária para a experiência do turista.

O desejo dos colonizadores de tal condição servil apareceu um pouco no meu estudo acerca do turismo no Timor-Leste na época colonial. Preocupação com os maus costumes leste-timorenses levavam os colonizadores a não acreditar no desenvolvimento do turismo no país.

Contemporaneamente, a preocupação do governo consiste em levar educação e treinamento à população local. Entretanto, a subserviência não se revelou na minha pesquisa atualmente. Ressalto que a marca sustentável nos projetos turísticos de governo pode ter colaborado para uma diferenciada representação da população local, bem como a recente história da resistência à ocupação indonésia e conquista da independência. Ao mesmo tempo, a indústria do turismo vende para consumo uma população guerreira e resiliente, embora pobre e precisando de ajuda.

Essa conclusão me foi mais contundente tendo em vista a reportagem na

ForeignPolicy⁸³ acerca da promoção do ecoturismo no Timor-Leste. A imagem⁸⁴ do leste-timoreense se servindo fartamente de uma mesa posta foi sutil, embora *sinequa non*, para afirmar que a “cultura” local está em um movimento de se servir das visitas dos viajantes ao seu país.

Ao contrário de a população local servir os turistas ou os viajantes que visitam o seu país, a “cultura” local se serve do trabalho dos viajantes e das oportunidades e empreendimentos que o campo do turismo oferece.

Essa mesma reportagem ressalta que o dono de uma pousada, Hilton, é um australiano que estava a trabalho no Timor-Leste ensinando inglês para a juventude leste-timoreense. Conheceu uma leste-timoreense e por ela se apaixonou. Casou-se com ela, teve dois filhos e decidiu ficar no país. Ele diz que não está no país por causa do dinheiro e que não tem a pretensão de expandir seu empreendimento que hoje comporta 25 hóspedes. Prefere o respeito ao meio ambiente e à cultura local à expansão de sua pousada.

Proporia que o contexto externo de incentivo ao turismo no país propagado pelos diversos atores, de alguma forma, moveriam a “cultura” local ao empoderamento político tendo em vista a ênfase em práticas e saberes locais e, num movimento inverso, porém dialético, a própria comunidade local se beneficiaria do empoderamento e usufruiria deste à proporção que uma sutil mas incipiente transformação das tradições acontece.

⁸³ Disponível no site: http://www.foreignpolicy.com/timor/content/tourism/respecting_the_earth.php

⁸⁴ Ver imagem 6

Referências Bibliográficas

ACCIALIOLI, Greg. Culture as art: from practice to spectacle in Indonesia. **Canberra Anthropology**, vol. 8, n. 01-02, p. 148-172, 1985.

ALGUNS apontamentos turísticos sobre Timor. Atractivos Turísticos. **A Voz de Timor**, Díli, 21 mar. 1971. Ano XIII, n. 566, p. 4.

ALMEIDA JR, José Maria de. Um novo paradigma de desenvolvimento sustentável. **Consultoria Legislativa**, Câmara dos Deputados, Estudo, setembro, 2000.

BARRETTO, Margarita. Turismo étnico y tradiciones inventadas. **El encuentro del turismo con el patrimonio cultural: concepciones teóricas y modelos de aplicación**, Sevilla: Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español/Fundación El Monte/Asana, 2005. Disponível em: <http://barretto.floripaturbo.com.br/Tradiciones.pdf>. Acesso em: 12 Sept. 2011.

BAUER, Irmgard. The health impact of tourism on local and indigenous populations in resource-poor countries. **Travel Medicine and Infectious Disease**, vol. 6, p. 276-291, 2008. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1477893908000781>. Acesso em: 09 abr. 2012.

BERGHE, Pierre L. van den. Marketing Mayas tourism promotion in Mexico. **Annals of Tourism Research**, vol. 22, n. 03, p. 568-588, 1995. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016073839500006R>. Acesso em: 03 abr. 2012.

CARTER, R. W., PRIDEAUX, B., XIMENES, V. and CHATENAY, A. V. P. Development of tourism policy and strategic planning in East Timor. **Occasional Paper**, vol. 8, n. 1, 2001.

CASAS típicas de Los Palos. **A Voz de Timor**, Díli, 27 set. 1970. Boletim Informativo, ano XV, n. 2.

COHEN, Erik. Rethinking the sociology of tourism. **Annals of Tourism Research**, jan/march, 1979. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160738379900926>. Acesso em: 04 abr. 2012.

_____. Authenticity and commoditization in Tourism. **Annals of Tourism Research**, vol. 15, p. 371-386, 1988. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016073838890028X>. Acesso em: 12 abr. 2012.

COLABORE com informações. **A Voz de Timor**, Díli, 07 mar. 1971. Ano XI, n. 564, p. 3.

COMEMORAÇÃO do 10º aniversário da Restauração da Independência de Timor-Leste. **Governo de Timor-Leste Online**, Díli, 01 mai. 2012. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/?p=6931>

CONRAN, Mary. They really love me! Intimacy in Volunteer Tourism. **Annals of Tourism Research**, vol. 38, n. 4, p. 1454–1473, 2011. Disponível no site: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738311000600>. Acesso em 05 abr. 2012.

DELGADO, H. O futuro inspira. Propaganda turística visível e adequada. **A Voz de Timor**, Díli, 26 jul. 1970. Nº 532, p. 2.

D’HAUTESERRE, Anne-Marie. Politics of imaging New Caledonia. **Annals of Tourism Research**, vol. 38, n. 2, p. 380–402, 2011. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738310001180>. Acesso em: 02 abr. 2012.

DISCURSO proferido por S. Exa o Governador na sessão de abertura do Conselho Legislativo em 30 de abril de 1969. **A Voz de Timor**, Díli, 25 mai. 1969. Ano IX, n. 472, p. 4, 5 e 6.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade do saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. Poder e Saber – 1977. In: FOUCAULT, M. **Estratégia, poder, saber**. Coleção Ditos e Escritos, vol. IV, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Do Governo dos Vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos**. (Org) AVELINO, Nildo. Editora: Achiamé, São Paulo, Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 22, n. 65, p. 61-72, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a06v2265.pdf>. Acesso em: 16 Out. 2011.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; MENEZES Palloma. Fotografando a pobreza turística. **Revista Antropológicas**, ano 13, vol. 20, p. 173-198, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Entre tapas e beijos: a favela turística na perspectiva de seus moradores. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 25, n. 1, p. 33-51, Abril 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 06 Out. 2011.

GRABURN, Nelson. Reconstruindo a tradição: turismo e modernidade na China e no Japão. **Revista brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Set. 2011.

GREENWOOD, Davydd J. Culture by the pound: an anthropological perspective on tourism

as cultural commoditization. **Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism**. Editora V. L. Smith, Blackwell Publishers, p. 129-139, 1977.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a07.pdf>. Acesso em 01 Out. 2011.

HORA de estudar a sério o folclore de Timor. **A Voz de Timor**, Díli, abr. 1970. Ano XI, n. 519, p. 1 e 8.

HORTA, J. M. Ramos. As lutas de galos vão acabar?... **A Voz de Timor**, Díli, 25 jan. 1974. Ano X, n. 418, p. 6.

LACEY, Gary; PEEL, Vicki; WEILER, Betty. Disseminating the voice of the other. A Case Study of Philanthropic Tourism. **Annals of Tourism Research**, vol. 39, n. 2, p. 1199–1220, 2012. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738312000059>. Acesso em: 08 mai. 2012.

MACCANNELL, Dean. **The tourist: a new theory of the leisure class**. Estados Unidos: University of California, 1999.

MACNAUGHT, Timothy J. Mass tourism and the dilemmas of modernization in Pacific Island communities. **Annals of Tourism Research**, vol. 9, n. 3, p. 359-381, 1982. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160738382900196>. Acesso em: 08 abr. 2012.

MARTINHO, Alberto. Quais os sectores económicos mais importantes para o desenvolvimento de Timor?. **A Voz de Timor**, Díli, 19 jul. 1974. Ano X, n. 418, p. 8.

MARTIN, Keir. Living pasts. Contested Tourism Authenticities. **Annals of Tourism Research**, vol. 37, n. 2, p. 537–554, 2010. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738309001510>. Acesso em: 03 mai. 2012.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem 2**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

MOURA, Inácio de. O malai José Mai-lo turismo. **A Voz de Timor**, Díli, 12 abr. 1970. Ano XI, n. 517, p. 5.

_____. Díli, a terra pacata: paraíso dos hippies... **A Voz de Timor**, Díli, 12 out. 1973. Ano XIV, n. 685, p. 4.

ONDE se fala de artesanato. Reforçando uma idéia. **A Voz de Timor**, Díli, ago. 1969. Ano IX, n. 482, p. 6.

O ARTESANATO timorense. **A Voz de Timor**, Díli, 04 ago. 1968. Ano VIII, n. 430, p. 1 e 3.

O DIA do Turista. **A Voz de Timor**, Díli, 05 mai. 1965. Ano VIII, n. 417, p. 1 e 3.

O DIA do Turista. **A Voz de Timor**, Díli, 23 abr. 1967. Ano VII, n.º 396, p. 1 e 4.

O DIA do Turista. **A Voz de Timor**, Díli, 05 mai. 1970. Ano XII, n. 520, p. 3

O DIA do Turista. **A Voz de Timor**, Díli, 02 mai. 1971. Ano XIII, n. 572, p. 3.

O DIRETOR do Centro de Informação e Turismo partiu em 10 do corrente para Austrália. **A Voz de Timor**, Díli, 27 set. 1970. Boletim Informativo, n. 2.

O TURISMO em Timor. Na Hora exacta de opção. **A Voz de Timor**, Díli, 12 mar. 1967. Ano VII, n. 389-390, p. 1 e 6.

PARTICIPAÇÃO Timor-Leste na feira ITB em Berlim. **Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste Online**, Díli, 15 mar. 2012. Disponível em: http://www.mtci-timorleste.com/en/tourism/1203123/mtci_participated_in_itb_berlin_german. Acesso em: 07 ago. 2012.

PARTICIPAÇÃO Timor-Leste na feira internacional Lisboa BTL. **Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste Online**, Díli, 01 mar. 2011. Disponível em: <http://mtcitimorleste.blogspot.com.br/2011/03/participacao-timor-leste-iha-feira.html>. Acesso em: 09 ago. 2012.

PARTICIPAÇÃO Timor-Leste em exposição na Austrália. **Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste Online**, Díli, 09 mar. 2012. Disponível em: http://www.mtci-timorleste.com/en/tourism/1203122/timor-lestes_booth_awarded_2nd_place_for_best_stand_in_melbourne_expo. Acesso em: 07 ago. 2012.

PARTICIPAÇÃO Timor-Leste na exposição de mergulho da Ásia ADEX. **Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste Online**, Díli, 16 jun. 2010. Disponível em: http://www.mtci-timorleste.com/pt/turismo/100658/promoção_conjunto_da_expo_de_mergulho_da_asia_adex_2010_em_singapura. Acesso em: 07 ago. 2012.

PARTICIPAÇÃO de quatro funcionários da Direção Nacional de Turismo (MTCI) para frequentar o curso de gestão e turismo em Macau e em Hainan. **Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste Online**, Díli, 08 abr. 2011. Disponível em: http://www.mtci-timorleste.com/pt/turismo/1104101/quatro_funcionários_da_direcção_nacional_de_turismo_mtci_frequentaram_o_curso_de_gestão_e_turismo_em_macau_e_em_hainan. Acesso em: 07 ago. 2012.

PHILLIPS, Janet. Commentary on Macnaught's "Mass Tourism and the Dilemmas of Modernization". **Annals of Tourism Research**, 1984. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160738384900811>. Acesso em: 09 abr. 2012.

PONTES, Silva. Turismo Anti-turismo ou a estranha atitude de um empregado de mesa. **A Voz de Timor**, Díli, 09 nov. 1973. Ano XV, n. 694.

POVO, Zé. Turismo de Estacionalidade. **A Voz de Timor**, Díli, 16 jan. 1972. Ano X, n. 418, p. 4.

RDTL. **Timor Leste - Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030**. Díli, Timor-Leste, 2011.

REUNIÃO ministerial do Turismo da CPLP. **Ministério do Turismo, Comércio e Indústria no Timor-Leste Online**, Díli, 31 mai. 2010. Disponível em: http://www.mtci-timorleste.com/pt/discurso/100539/reuniao_ministerial_do_turismo_da_cplp. Acesso em: 07 ago. 2012.

SANTOS, Cristovão. Os meus amigos da Beach House. **A Voz de Timor**, Díli, 23 ago. 1970. Ano XI, n. 536, p. 4.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsitos e possível elemento de sustentabilidade. CRUZ; CAMARGO (orgs). **Turismo Cultural – Estratégias, Sustentabilidade e Tendências**. Ilhéus: Editus, p. 49-68, 2009.

SOCIEDADE de Turismo e Diversão de Timor, L. **A Voz de Timor**, Díli, 29 set. 1968. Ano VIII, n. 438, p. 3 e 4.

TIMOR, apontamentos artísticos. Um documentário filmado a cores produzidos pelos cineastas Miguel Spiguel e Aquilino Mendes. **A Voz de Timor**, Díli, 22 nov. 1970. Ano XII, n. 549.

TIMOR – o turismo do futuro. **A Voz de Timor**, Díli, 04 abr. 1973. Ano XIV, n. 668, p. 1.

TURISMO e Beleza. **A Voz de Timor**, Díli, 24 nov. 1969. Ano IX, n. 446, p. 1 e 3.

TURISMO em Portugal – quatro milhões de turistas em 1972. **A Voz de Timor**, Díli, 13 abr. 1973. Ano XIV, n. 669, p. 1 e 3.

TAYLOR, John P. Authenticity and sincerity in tourism. **Annals of Tourism Research**, vol. 28, n. 01, pp. 7-26, 2001. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738300000049>. Acesso em: 09 abr. 2012.

TORNQUIST, Carmem Susana. Armadilhas da nova era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto. **Estudos Feministas**, ano 10, p. 483-492, 2/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14972>. Acesso em: 09 set. 2011.

TURNER, Victor. The Center OutThere: Pilgrim's Goal. **History of Religious**, vol. 12, p. 191-230, 1973. Disponível em: <http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic874021.files/The%20center%20out%20there-Turner.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2012.

_____. **Image and pilgrimage in Christian culture**. Anthropological perspectives. New York: Columbia Univ Press, 1978.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VAMOS ter em Timor um grande hotel. **A Voz de Timor**, Díli, 13 jul. 1969. Ano IX, n. 479, p. 1.

VISITA do diretor do CIT à nossa província da Macau. **A Voz de Timor**, Díli, 02 mai. 1971. Ano XIII, n. 572, p. 4.

Anexo A



Imagem 1 – Pôster 1 da campanha *Do Something for East Timor Now*



Imagem 2 – Pôster 2 da campanha *Do Something for East Timor Now*

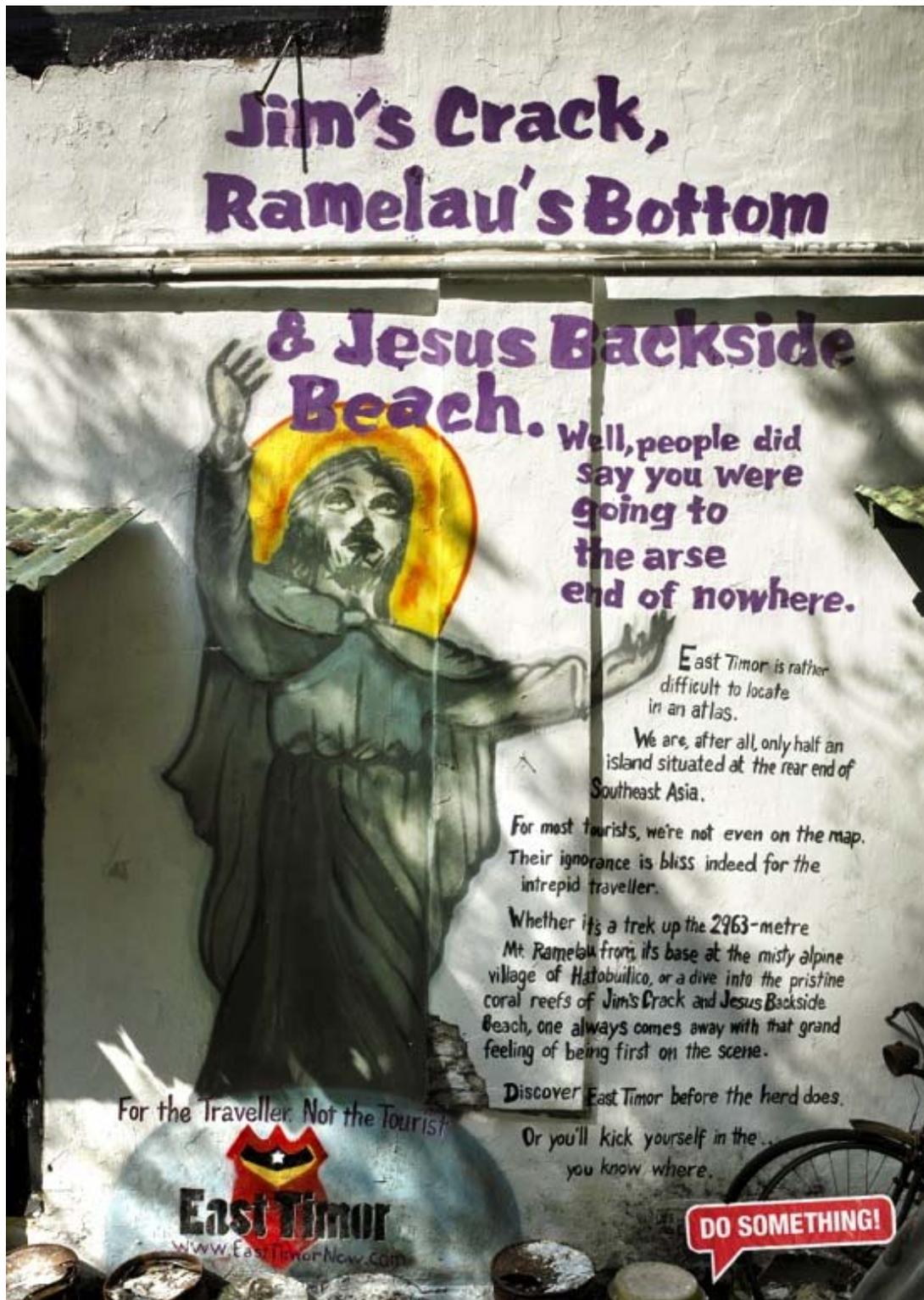


Imagem 3 – Pôster 3 da campanha *Do Something for East Timor Now*



Imagem 4 – Pôster 4 da campanha *Do Something for East Timor Now*



Imagem 5 – Pôster 5 da campanha *Do Something for East Timor Now*



Imagem 6 – Reportagem da *ForeignPolicy* sobre a promoção do ecoturismo no Timor-Leste.